



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

GERALDO JOSÉ DO MONTE FILHO

***RISO E RESISTÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DA SÉRIE DADE DO HUMOR NO
SÉCULO XXI***

CAMPINA GRANDE

2023

GERALDO JOSÉ DO MONTE FILHO

***RISO E RESISTÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DA SERIEDADE DO HUMOR NO
SÉCULO XXI***

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal de Campina Grande, como pré-
requisito para a obtenção do título de Licenciatura em
Ciências Sociais.

Orientador: Prof. José Gabriel Silveira Corrêa

CAMPINA GRANDE

2023

M772r

Monte Filho, Geraldo José do.

Riso e resistência: a importância da seriedade do humor no século XXI / Geraldo José do Monte Filho – Campina Grande, 2023.

61 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Humanas, 2023.

"Orientação: Prof. Dr. José Gabriel Silveira Corrêa."

Referências.

1. Seriedade do humor. 2. Humor preconceituoso. 3. Humor subversivo. 4. Discriminação social. I. Corrêa, José Gabriel Silveira. II. Título.

CDU 398.23(043)

GERALDO JOSÉ DO MONTE FILHO

***RISO E RESISTÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DA SERIEDADE DO HUMOR NO
SÉCULO XXI***

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal de Campina Grande, como
pré-requisito para a obtenção do título de
Licenciatura em Ciências Sociais

Orientador: Prof. Dr. José Gabriel Silveira Corrêa

Aprovada em 01 / 12 / 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Gabriel Silveira Corrêa (UFCG) (Orientador)

Jose Gabriel Silveira Corrêa

Prof. Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima (UFCG)

Elizabeth Christina de Andrade Lima

Prof. Dra. Mércia Batista (UFCG)

Mercia Lyone Rongel Batista

CAMPINA GRANDE

2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a meu pai e a minha mãe, ou melhor, a painho e a mainha por todo apoio e amor durante toda a minha caminhada, por me incentivarem a acreditar em mim mesmo, por todo o esforço para que eu pudesse trilhar meus sonhos e por não terem nem sequer cogitado me abandonar nos piores momentos. Geraldo José do Monte, Josianne Maria do Monte, eu amo vocês.

Agradeço também ao meu irmão Dênis por ter me dado forças e ajudado durante a graduação inteira. Espero continuar comemorando vários títulos do Palmeiras ao teu lado.

Aos meus melhores amigos, Juliana, David, Priscilla, Lauan e Manu. A amizade de vocês são fortes inspirações para mim, espero que nossos momentos não acabem tão cedo.

Ao meu orientador Gabriel Corrêa só tenho gratidão também, por toda a paciência e compreensão, por ter inflamado mais meu lado crítico e por ter dado confiança e condições necessárias para que eu pudesse fazer do humor meu tema de pesquisa; sem contar dos dois anos de PBIC que tanto foram fundamentais no meu percurso acadêmico.

À professora Mércia por ter apresentado tão bem a disciplina (Relações étnico-raciais) mais importante da graduação para mim e que contribuiu imensamente nos meus estudos sobre a questão racial. Gratidão também por ter aceitado participar da minha banca.

À professora Elizabeth Lima que também me ajudou a pensar que era possível problematizar o humor de forma contundente durante a disciplina Cultura, mídia e política. Também agradeço por ter aceitado o convite de estar na minha banca.

Tantas foram as dificuldades, principalmente em 2023, mas apesar de muitas feridas psicológicas, me sinto capaz de prosseguir, e a isso devo a cada pessoa que faz parte da minha vida e que nunca saiu do meu lado. Cada pessoa citada aqui tem sua parcela de importância.

"O verdadeiro humor dá um
soco no fígado de quem
oprime."

(Henfil)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar e levantar reflexões sobre como o humor preconceituoso permite e reforça a propagação de estereótipos e estigmas no cotidiano, fazendo com que grupos oprimidos sejam ainda mais inferiorizados, logo então, se faz necessário uma busca pela seriedade do humor como uma maneira de enfrentar as ofensas e humilhações cômicas, expondo argumentos sobre limites e responsabilidades com o mundo social. Ademais, relacionando o mundo virtual, em especial as redes sociais, com o meu próprio cotidiano, realizei uma pesquisa nestes dois campos para entender melhor o panorama entre as polêmicas envolvendo humoristas conhecidos e o humor anônimo do cotidiano. Em contrapartida ao humor preconceituoso, um outro caminho percorrido neste estudo é em relação ao humor como forma de protesto, um humor subversivo contribuinte no combate da opressão recreativa, que preza por um caráter crítico. Com uma finalidade, principalmente, antirracista, há um esforço aqui em lutar pelo direito de ser respeitado, pelo direito de poder rir sem que sejamos humilhados, expondo e tecendo críticas ao humor que despreza as minorias, mas reforçando o seu outro lado questionador e provocativo para afrontar os preconceitos e os que estão em posições privilegiadas.

Palavras-chave: Seriedade do humor; Humor preconceituoso; Humor subversivo.

ABSTRACT

This work aims to analyze and encourage reflections on how prejudiced humor allows and reinforces the spread of stereotypes and stigmas in everyday life, making oppressed groups even more inferior. Therefore, it is necessary to seek the seriousness of humor as a way of confronting comic offenses and humiliations, exposing arguments about limits and responsibilities towards the social world. Furthermore, relating the virtual world, especially social networks, with my own daily life, I carried out research in these two fields to better understand the panorama between the controversies involving renowned comedians and the anonymous humor of everyday life. In contrast to prejudiced humor, another path taken in this study is in relation to humor as a form of protest, a subversive humor that contributes to the fight against recreational oppression, which values a critical nature. With a mainly anti-racist purpose, there is an effort to fight for the right to be respected, for the right to laugh without being humiliated, exposing and criticizing the humor that despises minorities, but reinforcing its other questioning and provocative side to face prejudices and people in privileged positions.

Keywords: Seriousness of humor; Prejudiced humor; Subversive humor.

Sumário

Introdução	9
Capítulo 1: O estopim	12
1.1 — A seriedade do humor	15
1.2 — A problematização do riso: Por quê?	18
Capítulo 2: O humor como forma de dominação	25
2.1 — As polêmicas do humor, as redes sociais e a sensação da liberdade ilimitada	27
2.2 — O cancelamento que engaja o humor como forma de dominação: a importância da plateia humorística	32
2.3 — O limite do humor e a perpetuação do bullying	38
Capítulo 3: O cotidiano como espelho do humor e vice-versa	43
Capítulo 4: O humor como forma de protesto	50
4.1 — O humor e a falsa equivalência	53
Considerações finais	57
Referências bibliográficas	59

Introdução

Sempre achei o riso algo muito contagiante, em muitas ocasiões eu ri apenas pela risada do outro sem nem saber o motivo dela. Sempre ouvi dos mais velhos que eu tinha que manter o sorriso no rosto e ter um bom humor para levar a vida, mas até que ponto isso depende apenas da vontade individual? Quando comecei a ter uma consciência maior de certas coisas, isso com 12, 13 anos, o cabelo crespo e a pele preta já não eram vistos por mim só como cabelo e pele; havia uma questão social que provocava, mesmo que de forma leve, um incômodo muito por conta de filmes e novelas, ou seja, a lógica da comparação rompe com o lado saudável da autoestima. Recapitulando meu passado ao pensar na televisão e nas coisas ditas por adultos em piadas, o branco sempre estava como personagem a ser admirado, já o preto era ligado a aflição, ao que era errado, ao bizarro, ou simplesmente ao esquecimento. Segundo Woodson: “os Negros são ensinados a admirar os hebreus, os gregos, os latinos e os teutônicos e a desprezar os africanos” (2021, p.13). Porém isso não é natural, é apenas uma ideologia cheia de ilusão e crueldade de que somos inferiores e assim, levados a admirar apenas os outros.

Entretanto esta desconstrução e percepção de como o racismo opera minuciosamente só foi ganhando forma e conteúdo quando entrei na Universidade, e nem foi tão no início assim do curso, pois, infelizmente, há essa deficiência em não termos disciplinas que trate diretamente sobre questões raciais, exceto uma que mudou significativamente minha percepção, que foi a de Relações Étnico-Raciais. Aqui posso destacar um autor que me fez ter um interesse a mais sobre os problemas raciais nesta disciplina supracitada, que foi Oracy Nogueira, principalmente com seu texto *Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil*. E isso acabou me levando a buscar autores negros que estudassem as questões raciais, desse modo fui conhecendo escritores como Djamila Ribeiro, Adilson Moreira, Bell Hooks, Frantz Fanon e Lélia Gonzalez, percebendo a importância da representatividade e dos conteúdos de seus estudos, onde a questão racial ocupa um lugar central mesmo que abordada de formas diferentes e diversas. Tais escritores que foram fundamentais na construção deste trabalho.

Outro ponto importante da minha graduação foi que durante dois anos eu participei do PIBIC sobre educação indígena, e uma das coisas mais importantes que consegui estudar, já pensando em pesquisas futuras sobre a representatividade negra, foi o protagonismo dos próprios acadêmicos indígenas, de perceber eles por eles mesmos, de acompanhar suas trajetórias a partir de seus escritos, então esse meu interesse pela representatividade dos acadêmicos indígenas foi fundamental para eu querer entender sobre o humor, não só em sua forma opressora, mas na subversão que ele pode oferecer, pois nessa época (2020-2021) comecei a perceber que os indígenas, nas redes sociais, eram tratados como “atrasados” e algumas piadas eram propagadas em relação a isso. E assim iniciei a pensar de forma mais intensa sobre o desejo de pesquisar sobre o humor.

Desse modo, assim que a pesquisa do PIBIC terminou, passei a me dedicar exclusivamente ao trabalho de conclusão de curso, o primeiro capítulo deste trabalho é sobre como meu interesse no tema do humor começou a florescer antes disso, pensando na questão principal da seriedade como fonte para lutar contra os preconceitos e as opressões, relacionando teorias clássicas do humor com fatos do cotidiano; também dando destaque à necessidade da problematização do riso e situações em que o humor se aproveita para destilar sua força opressora, questionando que nem toda risada é positiva.

O segundo capítulo, que foi estruturado a partir da pesquisa na internet e nas redes sociais tem o foco em analisar o humor como forma de dominação, com apontamentos de que ele é um propagador de microagressões e falsas generalizações sobre minorias sociais, mostrando também como ele tem um caráter cíclico no que tange as polêmicas de piadas preconceituosas, enfatizando a relevância que as redes sociais têm no humor do século XXI e como os humoristas, muitos deles cheio de privilégios sociais, se apoiam na falsa ideia da liberdade ilimitada e no apoio de seus seguidores para destilar ofensas em forma de humor e ainda assim achar que estão corretos, que é errado é quem reclama. Questões sobre os limites e responsabilidades do humor também aparecem no segundo capítulo, tendo o bullying como algo a ser analisado e ainda mais problematizado.

O terceiro capítulo é destinado para o resultado da pesquisa do meu cotidiano, onde observei e anotei situações em que o humor apareceu ao meu redor, pois não me senti satisfeito apenas com a pesquisa virtual. As situações observadas entraram como conexões com mais leituras que contribuíram para que eu pudesse entender não só o humor, mas também a estrutura social, os valores e os preconceitos em que ele se firma.

O quarto e último capítulo é sobre a análise e a importância do humor como forma de protesto, demonstrando que o seu lado subversivo é necessário e deve ganhar mais e mais notoriedade na sociedade para que haja mais oportunidades para que mais humoristas possam enfrentar o *status quo* de que o humor necessita humilhar as minorias para ser engraçado.

Capítulo 1: O estopim

Rir de alguma coisa talvez seja uma das sensações mais prazerosas quando se está sozinho ou em um grupo de amigos, é inegável o quão satisfatório é dar grandes risadas, principalmente em momentos inesperados. Uma piada, um comentário de duplo sentido, uma imitação de voz, um escorregão de alguém, um cantor desafinado... tudo, por mais trivial que seja, é gatilho para alguém rir. Os filmes, as séries, os programas de TV, os perfis em redes sociais e os canais no YouTube com teor humorístico, todos eles tentam o mesmo: provocar o riso ou divertimento nas pessoas. Entretanto, as formas de buscar esse objetivo varia bastante, e foi pensando nessas formas diferentes de fazer humor que o meu interesse neste tema surgiu, levantando questões, inicialmente, sobre os limites em relação ao humor e ao incômodo que certas piadas me causavam, e, também, em seu poder de agir como subversão e resistência ao cotidiano.

Durante a minha adolescência, por volta de 2013 e 2014, lembro perfeitamente de me juntar com amigos para ouvir as famosas *pegadinhas do Mução*, que era um senhor passando trote, apelidando com bastante escárnio a vítima que estava do outro lado do telefone. Tinha toda uma história antes de começar as partes ofensivas, o que gerava ainda mais motivos para o riso, pois a vítima, toda inocente, acreditava que se tratava de algo sério, mas de repente começava a chuva de apelidos, causando uma grande ruptura e, conseqüentemente, as risadas em quem ouvia. E eu e meus amigos nos acabávamos de rir sem nem pensar se havia limite ou não naquilo. Entretanto, resgatando esse passado, já com uma visão questionadora nos dias de hoje, o que acontecia era que eu e todos do meu grupo ríamos de coisas que odiaríamos que fosse com algum de nós no lugar da vítima, ou seja, a tônica da provocação desse tipo de humor, além do menosprezo, tem muito a ver com a falta de empatia com o outro, como se o alvo da piada deixasse de ser uma pessoa com sentimentos.

Antes de perceber o humor como algo passível de estudo, em muitas ocasiões em que fui o alvo de algum tipo de humor ofensivo ou presenciei outra pessoa sendo a vítima a sensação era de algo desconfortável, porém aceitar esse desconforto parecia ser melhor do que questionar ou demonstrar que aquilo causava um efeito negativo, pois aquelas zombarias logo passavam e de repente todos do grupo já estavam “unidos” novamente. Entretanto há uma palavra que acho determinante para entender o poder do humor ligado a ofensa: constrangimento. O constrangimento foi uma das coisas principais que fez com

que eu entendesse o humor como algo importante de ser estudado. Não vou entrar no mérito da intenção de ofender ou não por parte de quem faz os deboches, pelo menos por enquanto, mas é inegável que ser constrangido faz com que repensemos em fazer coisas que até então fazíamos normalmente. Então quando o humor atinge um estágio que constrange o outro é o exato momento para repensar algumas coisas, pois o humor pelo constrangimento não só envergonha o alvo do escárnio, mas também o faz tomar atitudes contrárias ao seu desejo individual. É como se a risada coletiva fosse mais forte que a escolha pessoal. Obviamente o constrangimento não é algo apenas presente em discursos humorísticos, mas é no humor que ele passa despercebido como algo nocivo; o fato de ter muita gente rindo faz com que o problema não seja tratado como relevante naquele meio, é como se fosse uma parte da vida separada do resto, mas é justamente nesse ponto que a minha problematização começou a permear o que eu observava no dia a dia: o humor não é algo isolado da sociedade e nem inquestionável.

Ao analisar a final de algum campeonato de futebol, por exemplo, iremos perceber o desfecho de que jogadores e torcedores do time campeão estarão alegres, e do lado inverso terá os que ficarão tristes e decepcionados. E sempre que eu me deparava com essa situação eu me questionava se deveria haver algum limite na alegria de uns devido a tristeza de outros, mas toda vez que refletia nisso eu não conseguia perceber nenhuma problematização necessária. Entretanto quando eu tentei fazer essa mesma analogia com o humor, pensando se todo humor é válido porque há pessoas rindo, mesmo que uns sofram com isso, o resultado foi totalmente diferente da questão do futebol. O futebol faz parte do meio social brasileiro, mas o sofrimento que ele traz aos torcedores é provido da paixão ou da idolatria das pessoas, a essência da competição no esporte é de que um vai ganhar, e outro vai perder, isto é implacável; já o sofrimento causado pelo humor tem as raízes na estrutura social e nos estereótipos e estigmas colocados nos seres humanos, sem contar que o humor não precisaria humilhar ou fazer alguém se sentir derrotado para ter seu espaço. Então, além da concepção de não ser isolado da sociedade, para tratar o humor como algo relevante é necessário entender o contexto histórico e social como firmamento do mundo humorístico. “Para compreender o riso é preciso recolocá-lo em seu ambiente natural, que é a sociedade; é preciso, sobretudo, determinar sua função útil, que é uma função social.” (BERGSON, 2018, p. 39)

Tratar o humor é dar importância à função do riso na sociedade, e não apenas vê-lo como algo que o corpo expressa sem pretensão alguma. Segundo Terry Eagleton (2020)

o riso não tem nenhum sentido inerente, tal qual um grito de um animal, mas está cheio de significado cultural. É normal de se ouvir que o riso é o melhor remédio, e realmente é inegável seus benefícios, mas com todo remédio é preciso saber o limite da dosagem para seu funcionamento ser coerente. Rir de pessoas em situação de rua, de mulher apanhando, de pessoas com deficiência sendo desdenhadas... não é algo “natural”, não é “biológico”, há questões problemáticas por trás desse riso; e é justamente isso que faz com o que o tipo de humor mais ofensivo se mostre tão eficaz como instrumento do riso, pois ele pega aquilo que a sociedade já está acostumada a menosprezar e transforma em piada, ridicularizando e inferiorizando ainda mais, ou seja, é bem mais fácil dar risadas de algo que já tem o nosso desprezo.

Se debruçar sobre o humor não é uma tarefa das mais simples, pois é um tema escorregadio e com uma vastidão de ramificações; e se em qualquer outro tema é praticamente impossível manter uma neutralidade, com o humor é ainda mais além disso, pois aqui podemos facilmente colocar a hipocrisia do ser humano mais evidente, juntamente com o desdém que compactua com a naturalização de uma estrutura preconceituosa e que tanto influencia nas interações sociais que o humor oferece, indicando que os limites são bem particulares de grupo para grupo, de pessoa para pessoa. Em 2020 quando comecei a pesquisar sobre as polêmicas envolvendo humoristas e suas piadas, encontrei um vídeo muito interessante que me fez assistir o episódio inteiro. Durante um episódio do programa *Na Moral*¹, exibido na Rede Globo e apresentado por Pedro Bial, isso no ano de 2013, houve um embate rápido de ideias entre o limite do humor envolvendo Gregório Duvivier e Renato Aragão. O humorista reconhecido nacionalmente por ter sido peça fundamental nos Trapalhões colocou a religião como um limite, chegando a dizer que seria um tipo de agressão usar o humor para criticá-la; já o humorista mais jovem e protagonista do canal de YouTube *Porta dos Fundos*, característico por fazer piadas com religião, discordou de Renato Aragão e, minutos depois, enfatizou que o seu canal tem um limite, que é fazer deboche com minorias, mas que a religião não faz parte dessa demarcação, pois a religião tem um status de poder; basicamente como se dissesse que ela está em um patamar de privilégios, diferentemente das minorias sociais. Entretanto o que me chamou bastante a atenção foi a fala de Renato Aragão, pois ao defender a blindagem da religião perante o humor, querendo passar a

¹ [Assistir Na Moral - Na Moral - Programa de 13/09/2013, na íntegra online | Globoplay](#)

impressão de ser um homem sensato, ele esqueceu de todo o racismo e homofobia que ele ajudou a naturalizar no humor que os Trapalhões fizeram no século passado; e em nenhum momento ele fez menção de assumir que foi responsável pela propagação de um humor extremamente preconceituoso.

O humor perverso, que podemos definir como o humor que se apoia nos privilégios do opressor para debochar dos oprimidos, é tão repercutido que às vezes esquecemos que o humor também tem suas funções extremamente positivas na luta contra preconceitos; esse foi um ponto imperioso na minha dedicação neste tema, e focando nesse lado crítico que o humor oferece eu comecei a perceber que eu vivia o humor como pesquisa o tempo todo, mas nunca tinha parado para analisá-lo, ou seja, o humor é um dos temas que chega até o pesquisador, mesmo que este esteja distraído, mesmo que a pessoa nem esteja realmente em uma pesquisa. Nas músicas cheias de ironia de Raul Seixas, que eu tanto gosto, já perpassava o humor como estudo em algumas das minhas risadas ao analisar as letras, os seriados que eu assistia como *Todo mundo odeia o Chris* e *Um maluco no pedaço* já me davam dicas de que ali havia muito humor envolvendo questões raciais para ser analisado, muito além das risadas provocadas.

O humor já estava como escolha mais forte para o tema da minha pesquisa em março de 2022, porém foi nesse mês que realmente tive certeza da minha opção, quando na premiação do Oscar o humorista Chris Rock fez uma piada com a atriz Jada Smith, a esposa do ator Will Smith. A piada que tinha relação com a doença que provoca a queda de cabelo que a atriz tem causou uma reação inesperada em Will Smith, que se levantou e deu um tapa no rosto do humorista, claramente demonstrando sua desaprovação com a piada. E horas depois disso os clichês debates sobre os limites do humor voltaram a repercutir, foi então que enfatizei ainda mais o meu desejo de contribuir de uma forma séria e mais profunda sobre um tema bastante importante, mas que é tratado com tanta banalidade e superficialidade no cotidiano.

1.1 — A seriedade do humor

Levar o humor a sério não é uma tentativa de silenciar quem o faz nem de censurar o riso, mas, sim, de perceber e refletir como o que tem sido dito de forma cômica revela falsas generalizações sobre a sociedade em que vivemos, fazendo com que as pessoas

criem associações preconceituosas e desconexas da realidade. As piadas têm o objetivo principal de fazer rir, porém, do mesmo jeito que algumas pessoas exercem sua liberdade de transformar tudo em piada, há de se reforçar a liberdade de criticá-las a partir do que elas estão colocando em seu humor, quando necessário. Não se trata de vitimismo querer colocar o humor como um objeto de estudo além da sua provocação ao riso, argumentando que ele, dependendo de como é feito, é bastante perigoso, principalmente para pessoas pertencentes a grupos oprimidos. Quando ainda não tinha se tornado presidente do Brasil, um vídeo de Jair Bolsonaro, falando em tom de piada, viralizou na internet: ele dizendo que teve quatro filhos homens, e na quinta vez que ia ser pai ele deu uma *fraquejada* e veio uma mulher. Seria mais fácil a gente ignorar e seguir em frente, pensando que não passa de uma “brincadeira”? Possivelmente sim, mas aí estaríamos esquecendo do argumento da superioridade masculina, como ele é visto como algo normal no cotidiano e como isso afeta as relações de gênero; e de repente o que era apenas uma “brincadeira” vira um bordão pelas ruas de qualquer lugar, enfatizando inverdades a fim de menosprezar outras pessoas.

Começar um trabalho sobre humor tendo como fio condutor inicial a sua seriedade é um caminho bastante interessante para mim, pois aqui não se trata de escritos para causar riso, e sim de problematizá-lo, focando nos problemas sociais. Entretanto, antes de adentrar na questão dos porquês da importância da problematização do riso e como isso se daria, vale mencionar alguns detalhes sobre o *humor*.

O humor não acontece isolado da sociedade. Ele necessita da compreensão da situação e dos estereótipos colocados comicamente para que haja efeito; a tentativa de fazer piadas com Cariocas ou Baianos, por exemplo, não faria sentido se alguém contasse para um público norte-americano; para quem já fez o experimento de assistir filmes ou séries dublados com legendas também em português, fica evidente que em algumas partes a referência humorística na legenda é diferente da dublagem, pois a dublagem se adequa ao público do seu idioma. Com isso vale enfatizar que o humor depende não só do humorista, mas também de quem o escuta, ou seja, é preciso um público, então a socialização é algo importante a ser destacado. À primeira vista parece ser algo óbvio a relação obrigatória entre humorista e plateia, mas o meu ponto de reflexão aqui repousa no questionamento de que a plateia é mais importante do que o próprio humorista quando o assunto é a seriedade do humor. Levanto esse argumento tendo como base as mudanças que as redes sociais trouxeram, a rapidez da tecnologia do século XXI e o aumento de

oportunidades e espaços para grupos minoritários poderem se expressar, pois no século passado era normal as piadas abertamente racistas, homofóbicas, capacitistas *etc.* estarem presentes em diversos programas humorísticos e propagandas, sem qualquer indício de serem problematizadas explicitamente na época. Porém, hoje em dia, tudo é divulgado de uma forma muito rápida, juntamente com grupos mais engajados no tocante à luta por respeito e dignidade, fazendo com que aquele humor extremamente ofensivo diminuísse expressivamente como algo normal. Então, podemos propor uma reflexão de que o humor ácido só tem espaço quando há um público não-questionador o aderindo.

Não é que a última década vem deixando o mundo chato, como alguns reclamam em nome de uma falsa ideia de liberdade de expressão, mas é que o humor foi levado a sério por uma parte da sociedade por necessidade, e com isso as mudanças vieram; se o preço do humor é depreciar a imagem de grupos e pessoas, colocando características não condizentes com a realidade, e sim com estereótipos negativos, então não há outro caminho que não seja a problematização do humor perverso como parte da solução. Obviamente o racismo não acabou e as piadas racistas ainda continuam na boca de alguns que querem fazer graça, mas agora há uma repressão contra isso, a estrada não está tão livre para as pessoas serem preconceituosas e não receberem retaliações; há um crescimento de outro grupo de humoristas, estes críticos, que se colocam contra o tipo de humor ofensivo. Portanto, se o humor se adequa às mudanças sociais e culturais, logo então problematizá-lo e tentar combater seu lado deplorável, seria uma forma alternativa de analisar os problemas existentes no mundo, percebendo as transformações ao longo do tempo e evitando um saudosismo sem sentido de que “antigamente não existia tanta frescura”.

Apesar da tônica até agora ter sido sobre a seriedade do humor insensível, vale salientar que o humor crítico, como forma de protesto, podemos chamar assim, também deve ser levado a sério, e nesse parágrafo ficará evidente a lógica dessa seriedade tão falada aqui. A seriedade que me refiro neste capítulo é em relação ao tratamento do humor geral como se fosse uma resenha de um filme ou um comentário crítico da letra de uma música; um filme pode ser de comédia, terror ou ficção científica, mas o modo sério de analisá-lo não vai ser diferente, caso quem se interesse o faça com honestidade. Portanto, seja o humor mais insensível ou o mais respeitável, é fundamental colocá-lo na “mesa” e tratá-lo como parte de uma representação do que é a nossa sociedade. A análise do humor é um caminho para entender a sociedade e a manutenção do *status quo*.

Então, por exemplo, seja um humor ridicularizando o negro ou um humor que critica essa ridicularização é necessário levarmos a sério a realidade por trás disso, porque o problema não está só no humorista que tenta menosprezar, mas também nos ouvintes que aceitam sem alarde nenhum as anedotas que humilham pessoas e reproduzem isso no dia a dia; do mesmo jeito o efeito positivo do humor não aconteceria apenas no humorista crítico, mas também na condição do público em refletir sobre como aquilo é real e perigoso, apesar de ter sido dito comicamente. O risco não está no riso em si, mas, sim, na forma de não refletir sobre o porquê rimos disso ou daquilo.

1.2 — A problematização do riso: Por quê?

Pesquisando em livros, artigos, monografias, dissertações e teses sobre humor, encontrei o consenso de que há três teorias principais neste campo: a da **superioridade**, da **incongruência** e do **alívio**. Não há nenhuma dessas que se afirme como a que engloba o que realmente é o humor e como se dá sua funcionalidade geral, pois ele é muito vasto para ter apenas um conceito, e continuaria havendo lacunas, como as teorias supracitadas já possuem, ao tentar, mais uma vez, definir o humor e sua provocação ao riso de forma ampla, principalmente no século XXI, porém há de se afirmar a importância que cada teoria tem para compreender um pouco melhor sobre a temática, considerando que elas estão mais aptas a se conciliarem do que a se excluírem. (Gostaria de destacar que minha direção nesse trabalho de conclusão de curso não é apenas entender como o humor perverso e o humor crítico funciona, mas também os porquês de ele funcionar, e assim projetar hipóteses de que o humor permeia, inconscientemente, as interações sociais e influencia as pessoas no dia a dia. E outro ponto é que a minha dedicação nesse tema não é para explicar o humor de forma geral, não é de preparar um aprofundamento rico em cada teoria, mas sim de relacionar diretamente o humor com as questões sociais, problematizando a nocividade e exaltando seu lado subversivo.)

A **teoria da superioridade** é bem antiga, presente já nos gregos clássicos, como Platão e Aristóteles, porém há um bom destaque quando Thomas Hobbes, em sua obra *Leviatã*, argumenta sobre o que provoca o riso. Essa ideia vai na direção de que o infortúnio do outro nos causa riso por sentirmos que estamos em uma posição superior, e isso gera poder para depreciar alguém livremente, já que o humor aqui tem seu caráter aceito socialmente; segundo Eagleton (2020), ao analisar a teoria da superioridade a partir

de Hobbes, “rimos porque nos tornamos consciente de alguma ‘eminência’ em nós mesmos que contrasta com a enfermidade de outros (...)”. Essa teoria serve para coisas mais triviais, e até mesmo sem depreciações, como debochar e se sentir mais inteligente por ter conseguido passar de uma fase de um jogo que um amigo não teve êxito, mas o foco aqui são as questões problemáticas, as questões de quando o preconceito fica evidente. E aqui vale pontuar que a sensação dessa superioridade problemática não é intrínseca ao humor, ela é inerente às estratificações sociais. Portanto, saliento a percepção que, pelo humor, podemos entender que há uma verdadeira luta de classe; mas não só de classe, como também de gênero e de raça. Se tirarmos a fantasia jocosa do humor, a realidade nua e crua aparecerá.

Durante a copa do mundo de 2022, no Qatar, o jogador Kylian Mbappé, destaque principal da seleção da França, foi alvo de torcedores argentinos, que foram racistas e transfóbicos em uma música ridícula. O jogador, supostamente, estava em um relacionamento com uma mulher trans. Perceba a perversidade que há em ridicularizar a transexualidade como se fosse motivo para chacota, sem deixar de lado também o racismo. Segue o trecho da letra, traduzida, cantada pelos torcedores argentinos (link com o vídeo)²:

“Escutem, corre a bola, eles jogam na França mas são todos de Angola. Que lindo que vão correr, comem travestis como o puto do Mbappé. Sua velha (mãe) é nigeriana, seu velho (pai) é camaronês, mas no documento é naturalizado francês...”

É só observar o vídeo que podemos perceber a sensação de superioridade de homens brancos menosprezando quem, para eles, são inferiores, e tudo isso com o maior prazer e diversão; para eles isso é humor, e é como se encaixa na teoria da superioridade. Não vai ser novidade se o argumento de que é apenas uma música com teor de brincadeira e que não há motivo para tanto alarde seja lançado, mas isso só reforça a insensibilidade com a violência sofrida em quem realmente é afetado e a negação com os preconceitos reais do dia a dia. E o questionamento que fica é: por que alguém rir e tira sarro do gênero

² [Copa: Argentinos cantam música racista e homofóbica no Qatar; veja \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br)

ou da orientação sexual dos outros? Onde reside o prazer da ofensa cômica ao direcioná-la a uma pessoa que está sendo ela mesma? Uma das respostas que penso para as duas perguntas é que esse é um humor que parte do incômodo da existência do que é diferente, muitos debocham porque é a forma aceita de demonstrar seu ódio à diversidade. Trarei duas notícias para corroborar com a ideia do porquê da importância da problematização do riso³, a primeira sobre o Brasil ser o líder no número de assassinato de pessoas trans e a segunda, em relação ao país liderar também o consumo de pornografia trans no mundo:



Então entre o absurdo de matar e anonimato de desejar, o humor contra a transexualidade é a válvula de escape do cotidiano para quem o pratica, pois nele é possível maquiagem o ódio e reprimir as fantasias. (Não trago estas notícias para dizer que quem pratica o humor transfóbico é a favor dos assassinatos, mas, sim, de que os deboches consentem com a perda de relevância de problemas e debates sérios). Ao mesmo tempo

3 Primeira notícia: [Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo](https://brasildefato.com.br/direitos-humanos/h%C3%A1-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pa%C3%ADs-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo/) | Direitos Humanos (brasildefato.com.br)

Segunda notícia: [Brasil Lidera Consumo De Pornografia Trans No Mundo \(e De Assassinatos\)](https://revistahibrida.com.br/brasil-lidera-consumo-de-pornografia-trans-no-mundo-e-de-assassinatos/) (revistahibrida.com.br)

isso revela outro ponto sombrio que se assemelha com os corpos pretos: o corpo trans vive entre a morte e a hiperssexualização, entre o escárnio e o fetiche, nunca entre a existência e o respeito. Portanto rir de uma piada transfóbica e nem sequer problematizá-la significa compactuar com a violência real do dia a dia, por isso é necessário refletir sobre o nosso riso a partir do questionamento dos problemas sociais.

O humor é uma extensão do mundo social, e o sofrimento que ele pode provocar reverbera mais forte em quem já é oprimido cotidianamente. Portanto ao rir de alguma coisa, podemos fazer o exercício de perceber quais implicações isso tem na realidade. Se, após uma piada específica, você riu de um bilionário por algum fracasso de investimento, analise como essa piada pode causar sofrimento na vida dos bilionários: não terá impacto estrutural nenhum. A isso chamarei de *Efeito social-positivo do humor*; é quando o alvo da piada é ou faz parte de um grupo estruturalmente confortável e com privilégios em relação aos problemas sociais. Uma outra questão que vale destacar é que piadas com homens, com brancos e com héteros, por exemplo, não se configura como racismo reverso nem como heterofobia, pois não são coisas que acontecem cotidianamente, muito menos houve processos históricos de exclusão sobre eles. Com isso, uma análise séria do humor precede uma análise da estrutural social e histórica:

Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído.(...) Afixar o rótulo de “valor humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social (ELIAS; SCOTSON, 2000,p. 23, 24).

A teoria da superioridade não consegue dar conta de tudo sobre as causas do riso, há várias lacunas que outras teorias irão preencher, porém é inegável que ela consegue contribuir significativamente para entender a perversidade por trás do humor preconceituoso.

Outra teoria bastante famosa é a da **incongruência**, ela é a que podemos considerar como a que mais se encaixa de forma geral para entender a provocação ao riso, pois o modo súbito que ela opera, muitas vezes, é bastante voraz. Podemos até comparar com a música em relação a notas ou acordes dissonantes em uma canção: a progressão harmônica segue convencionalmente até que um acorde dissonante entra e nos causa uma sensação inesperada. Ou seja, é o rompimento entre o esperado e o desfecho real, nela “o

sistema humorístico pode ser descrito como o resultado de uma dissonância cognitiva, isto é, o humor surgirá da quebra de expectativa.” (FIGUEIREDO, 2012, p.185)

Certo dia eu estava no ônibus a caminho da universidade e dois amigos estavam relembando histórias sobre um rapaz que trabalhava com cinema; em uma dessas histórias eles falaram que o cineasta inconformado, durante uma discussão incessante entre atores e pessoas da produção, gritou: *eu sou viado*. E todo mundo que estava discutindo silenciou por um segundo e riu bastante logo em seguida. Aqui a teoria da superioridade não conseguiria explicar o motivo do riso, pois não se trata de um sentimento de superioridade na questão da orientação sexual do outro, mas sim de uma ruptura entre as possibilidades esperadas e a ultimação impensada.

Vale pontuar, e mostrarei uma tentativa de piada a seguir para corroborar, que, mesmo que no exemplo anterior não haja uma superioridade evocada, a teoria da incongruência vai se conectar com a da superioridade em vários casos; e é justamente essa conexão que me interessa aqui, pois é onde reside a problemática principal da minha análise, percebendo que a incongruidade pode ser a causa real do riso, porém há uma presença forte da superioridade de forma implícita.

Durante o ano de 2012, o comediante Danilo Gentili escreveu um post no antigo Twitter, hoje X, que voltou a ser repercutido em 2017. Extremamente insensível e misógino, ele escreveu: *O cara esperou uma gostosa ficar bêbada pra transar com ela. Todos sabemos o nome que se dá pra um cara desses: Gênio*. Não precisamos saber se ele falou isso por algum caso real específico, mas é necessário questionar esse tipo de piada; nela notamos que há uma quebra de expectativa que pode provocar algum tipo de riso, ele lança um adjetivo ao abusador para romper com a espera óbvia de reprovação pelo estupro. O normal de uma pessoa séria seria usar os termos *monstro, estuprador, criminoso*, mas não *gênio*; aqui percebemos a incongruência na tentativa do humor, mas o fundamental é pensar o porquê dessa quebra de expectativa ser algo engraçado para muitas pessoas. Primeiro ponto: com uma estrutura tão machista e misógina ao extremo quem mais pode se incomodar com esse tipo de piada? Segundo: a cultura e a romantização do estupro é algo presente na nossa sociedade ou não? Terceiro: se uma pessoa não sente incômodo, se não há motivo para ela problematizar a cultura do estupro, podemos considerar que ela está em uma posição de privilégio e de insensibilidade? Com essas perguntas podemos classificar que a teoria da incongruência, no que tange o humor perverso, pode provocar riso devido a noção de superioridade, da falta de empatia com

outro ou simplesmente de não dá a mínima para os sentimentos de outras pessoas. Ser homem, ter a probabilidade menor de ser estuprado em uma festa, poder dizer ‘não’ sem tantos problemas e não ter sua fala questionada o tempo inteiro pela sociedade gera uma sensação de superioridade em relação as mulheres. Então o riso pode acontecer realmente por causa do *gênio* em vez do *estuprador*, porém há os elementos implícitos da nossa cultura que faz com que a gente perceba que a liberdade desse riso é muito por conta de preconceitos, estereótipos e romantização de coisas problemáticas no cotidiano.

A terceira teoria, que vem de uma base psicanalítica freudiana, é a do **alívio**, tendo como característica a função de uma válvula de escape, é como o expressar reprimido que se liberta após um forte aprisionamento. Aqui, igual a incongruidade, também se destaca o inesperado como parte importante da teoria do humor por alívio, mas a diferença reside na repressão e/ou tensão que é criada ou já está estabelecida socialmente e, subitamente, suspensa por causa de um desfecho cômico.

Os indivíduos que estejam submetidos a algum tipo de constrangimento tendem a soltar o riso quando esses constrangimentos são subitamente removidos. Como resultado, o elemento central do humor pode não ser o sentimento de superioridade mas sim de alívio que resulta da remoção do constrangimento. (...) De acordo com Freud, essa energia é construída através da supressão de sentimentos em áreas tabu como a morte e o sexo. Na libertação dessa energia, os indivíduos experimentam actos de riso porque os seus pensamentos habitualmente proibidos foram agitados pela situação ou discurso cômicos (JERÓNIMO, 2015, p. 56, 57).

Humoristas como Léo Lins, que utilizam o discurso de que não há limite algum no humor, se utilizam muito de tragédias e mortes de pessoas reais para criar situações que muitas pessoas vão achar engraçadas. Ou seja, há uma lógica de pegar algo tenso e tentar fazer piada com isso, criando a relação entre tensão e relaxamento. (Trarei dois exemplos de como essa lógica funciona, e que também vai reforçar a ideia da ambiguidade do humor, de como ele é um tema que levanta várias dubiedades). O humorista supracitado neste parágrafo já fez, no ano de 2019, uma piada envolvendo o acidente aéreo do time de futebol da Chapecoense em 2016; então um show de stand-up de Leo Lins, já conhecidos pelos fãs, é o momento de alívio para muitas pessoas, pois naquele ambiente rir das tragédias parece ser aceito sem problemas. Entretanto quando esta piada foi divulgada e difundida, a repercussão já ganhou outro sentido, as críticas já são evidentes em grande número e mais uma polêmica se cria na questão do limite do humor; aquele relaxamento provocado no ambiente do show não consegue atingir as pessoas da mesma maneira, de forma geral, fora dali. Então aqui é possível a reflexão se

em um show de *stand-up* as risadas da plateia são pela habilidade do humorista ou pela interação social aceita de escarnecer dos problemas da vida social ou de temas tensos, tidos como proibidos, naquele ambiente. O outro exemplo, pois quero evidenciar a dubiedade que o humor causa, é em relação a tragédia dos bilionários que estavam no submarino a caminho dos destroços do Titanic e foi implodido neste ano de 2023; ao contrário do acidente da Chapecoense, os tripulantes foram alvo de piadas e memes por muitas pessoas nas redes sociais e em stand-ups. Com isso vale pensar a diferença das recepções das duas situações: obviamente o acidente aéreo deixou muito mais pessoas mortas, mais de 70, mas o que eu mais percebi em todas as vezes que analisei as piadas sobre a implosão do submarino foi por uma questão de classe, tirar sarro de tragédias é algo tenso, mas tirar sarro de tragédias com **bilionários**, vendo-os como uma classe nociva para a sociedade, é o momento de aliviar toda uma tensão para aqueles que não fazem parte da classe abastada financeiramente.

Capítulo 2: O humor como forma de dominação

Uma das coisas que mais me incomoda em relação aos preconceitos é a percepção limitada de que algo só é grave quando se tem violência física ou mortes; por ignorância ou desonestidade, o discurso, muito difundido por humoristas de direita e seus seguidores em redes sociais que apoiam o humor sem limite e responsabilidade, de que estamos na geração do “*mi mi mi*” não consegue, ou não quer, identificar as microagressões como algo a ser combatido. E o preconceito velado por esse humor perverso que venho comentando é uma microagressão que precisa ainda mais de atenção, pois como já falei, pelo fato de provocar risos em algumas pessoas é como se ele não tivesse nada que ser problematizado. É preciso entender as violências simbólicas que estão enraizadas no humor. “Sendo a sociedade racista, o humor será mais um espaço onde esses discursos são reproduzidos. Não há nada de neutro — ao contrário, há uma posição ideológica muito evidente de se continuar perpetuando as opressões.” (RIBEIRO, 2018, p.19)

As sutilezas violentas que estão por todos os lados na nossa sociedade apareceram nas minhas preocupações quando tive contato com as obras de Pierre Bourdieu; o sociólogo francês que tanto enfatizou a noção de violência e poder simbólico, — passando pela análise do pensamento dominante enraizado nas escolas, na obra *A reprodução: Elementos para uma teoria de ensino*, até os estudos sobre a dominação masculina, buscando elementos para mostrar que a submissão feminina nada tem a ver com o lado biológico, na obra *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica* — me conduziu a dar importância às microagressões que o humor perverso propaga e pouco é percebido no cotidiano, e que essa temática do humor é algo, sim, a ser levado a sério.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os «sistemas simbólicos» cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a «domesticação dos dominados» (BOURDIEU, 1989, p. 11).

Ter noção de que o que é tido como bonito pela sociedade está ligado a uma determinada raça, que as chances de ser parado pela polícia são bem maiores, que o seu cabelo é motivo para comparações pejorativas, nada disso agride fisicamente, mas causa um peso que ataca psicologicamente. Portanto, o humor, quando é racista, não incomoda

simplesmente porque os negros são os alvos da piada, ele incomoda porque ativa essa violência psicológica do dia a dia, porque depois que a piada racista passa, o mesmo não acontece com o racismo no cotidiano. A revolta em cima de um humorista que conta piadas extremamente preconceituosas é devido a uma insensibilidade e uma falta de respeito dele com a dor de quem sofre diariamente, é uma revolta por perceber que esse humor contribui diretamente com a perpetuação da dominância do opressor; e se não for problematizada, a piada ofensiva não vai ser só contada pelo humorista em cima do palco, mas também pelos amigos do bar até o chefe no trabalho.

As agressões simbólicas dirigidas a um grupo reforçam a posição de privilégio de quem os pratica, a luta contra as microagressões incomoda os opressores porque a sua “liberdade” de inferiorizar o outro fica ameaçada, por isso é tão comum muitos humoristas dizerem que estão sendo perseguidos e vivendo em uma espécie de ditadura por ter sua piada preconceituosa duramente criticada, mas em momento algum pensam na nocividade de seu humor.

O jurista e professor Adilson Moreira, com o seu livro *Racismo recreativo*, elucidou as minhas questões iniciais ao pensar o racismo no humor. Então o racismo recreativo faz parte das agressões não-percebidas no dia a dia, tendo o racismo disfarçado de humor, sua hostilidade camuflada pelo riso e seu caráter dominante oculto pelo seu lado jocoso, ele se infiltra nas relações sociais causando incômodos e disseminando estereótipos que visam desqualificar e causar danos psicológicos e morais aos negros, gerando ainda mais percepções sociais negativas em quem já tem o passado violento como um tormento. “(...) o humor racista tem um caráter estratégico: ele existe para perpetuar os estereótipos responsáveis pela marginalização moral e material de minorias raciais.” (MOREIRA, 2020, p. 78)

Portanto, problematizar o humor racista é problematizar a dominação racial, é questionar o privilégio branco, é reivindicar o direito de ser respeitado socialmente. Não pode ser aceito, sem que haja forma de combate, alguém se satisfazer do sofrimento do povo preto, é fundamental mostrar resistência e cravar nossa inquietude diante dos malefícios que o humor preconceituoso provoca. O caso clássico que mais explica o humor como forma de dominação racial é o *blackface*.

(...) prática que objetivava mostrar negros como intelectualmente inferiores aos brancos; começou quando, nos Estados Unidos, negros recém-emancipados passaram a exigir direitos civis, gerando aos brancos uma hostilidade racial. Dessa forma, homens brancos passaram

a se apresentarem em shows de menestréis com práticas teatrais em que atores brancos coloriam suas peles com verniz para sapatos, tinta para graxa ou carvão de cortiça, para representarem personagens negros de forma vexatória e exagerada, além de preguiçosos, alcoólatras e analfabetos, estimulando o humor e a zombaria àqueles, uma vez que essas caricaturas adentravam ao imaginário americano, reforçando estereótipos (OLIVEIRA; SILVA, 2020, p. 5).

Como poderíamos explicar para uma pessoa preta em específico, sabendo que ela não está a par de um debate crítico sobre raça, que uma pessoa branca com o rosto pintado, com o objetivo de provocar uma desqualificação, é ofensivo? A “inofensividade” do ato, que é essencial para o funcionamento da engrenagem da dominação, colabora com internação da ideia ilusória de que tudo não passa de uma brincadeira, que é pura diversão, e nada tem de perigoso ali. A violência simbólica se destaca muito pelo fato de que os próprios grupos oprimidos incorporam os discursos opressores que os agridem.

Já no século XXI tivemos programas de TV como *Zorra Total* e *Pânico na TV/Band*, que frequentemente utilizavam o *blackface* para criação de alguns quadros. De acordo com Charô Nunes (2013), que teve seu texto citado por Djamila Ribeiro, na obra *Quem tem medo do feminismo negro?*, a prática do *blackface* não só oprime com os estereótipos, mas também reforça uma exclusão violenta. “Se, no primeiro caso, ridiculariza, no segundo, não dá oportunidades para atores e modelos negros.” (RIBEIRO, 2018, p. 32)

2.1 — As polêmicas do humor, as redes sociais e a sensação da liberdade ilimitada

Durante a primeira parte da minha pesquisa, ainda no tempo da pandemia, utilizei do mundo digital para analisar as questões do humor preconceituoso, me debruçando sobre algumas polêmicas envolvendo piadas ofensivas de comediantes, com o objetivo de recuperar, problematizar e rebater muitas coisas desse mundo cômico que reproduziam/reproduzem uma dominação séria, mas que muitos veem como algo que não é nocivo; dei destaque também à observação de quem são os humoristas polêmicos e como o privilégio que eles têm os ajuda a se sentirem poderosos com a falsa ideia da liberdade ilimitada. Há um desconforto muito grande após entender como funciona a estrutura que massacra física e simbolicamente quem não está na parte de cima da hierarquia social, entretanto é um desconforto necessário, deixar que os opressores

continuem dominando mais e mais em todos os sentidos não pode ser uma opção, e não tratar como inimigo quem nos aprisiona cotidianamente é um erro. O racismo é o meu inimigo, e se ele estiver presente no humor de alguns comediantes, significa que esse humor passa a ser o meu inimigo também, passa a ser algo que deve ser combatido.

Poucos meses após o início da pandemia, o documentário *O riso dos outros*⁴, de 2012, dirigido por Pedro Arantes me impulsionou bastante para ter um interesse a mais sobre o humor e suas polêmicas em solo brasileiro, pois algo me chamava a atenção como passível de uma análise mais detalhada: o modo como as polêmicas envolvendo piadas sempre retornam e quais são os comediantes que mais se destacam nesse sentido. O que pode ser notado é que há alguns lampejos da seriedade do humor quando uma piada ofensiva viraliza, mas que essa seriedade não vai além de um paliativo, que quando a “febre” do momento polêmico passa, os questionamentos voltam a ficar ocultos, e quando o burburinho já caminha para o silêncio total, mais uma polêmica surge e o mesmo processo acontece novamente. E vale sempre pontuar que em qualquer polêmica sobre o humor, independentemente de qual o seja o conteúdo da piada, sempre vai dividir as pessoas entre quem apoia e quem e repudia o humorista, — lendo os comentários de várias postagens sobre essas situações polêmicas nas redes sociais fica evidente — demonstrando o quanto o tema do humor ainda é tratado puramente como benéfico, mesmo ele sendo danoso em muitos casos.

Em 2011 o humorista Rafinha Bastos, durante o programa CQC (Custe o Que Custar), tentou fazer uma piada em relação a cantora Wanessa Camargo, que na época estava grávida, dizendo que “comeria ela e o bebê” em um tom totalmente descontraído. Além do desrespeito, insensibilidade e mau gosto no comentário humorístico, o que fica notável é a noção de liberdade que algumas pessoas sentem ao falar asneiras como se estivesse anunciando um preço de um produto, como se frases ofensivas chegassem até o alvo da piada em forma de carinho. E obviamente essa piada de Rafinha Bastos repercutiu bastante, até por conta de a cantora ter processado o humorista, e posteriormente, vencido o processo judicial. O humor, junto das redes sociais, tem um caráter cíclico no que tange as polêmicas; normalmente as piadas que são recuperadas por internautas, e às vezes até pelos próprios humoristas, são as que geraram repercussão no momento em que foram ditas ou as que têm um teor polêmico que não foi percebido anteriormente, ou seja, uma

4 [\[635\] O Riso dos Outros \[2012\] - YouTube](#)

piada ofensiva feita em 2023, por exemplo, pode ser que viralize daqui a dois anos quando esse mesmo humorista voltar a fazer alguma outra piada perversa. De certa forma, ser polêmico é uma estratégia para chamar a atenção, por isso que às vezes uma tentativa de cancelamento nas redes sociais acaba virando o estopim para a popularidade do humorista crescer. Podemos exemplificar pelo mesmo Rafinha Bastos que em 2015, quatro anos depois da piada supracitada, se envolveu em mais uma polêmica no campo do humor, dessa vez com a apresentadora Xuxa e a sua filha, Sasha (na época com 16 anos), fazendo referência ao caso de Wanessa Camargo, comentando, no Facebook, em uma foto postada por Xuxa: “Na foto: Xuxa e a filha Sasha. Bateu vontade de ser processado de novo.” Então além da própria repercussão que esse comentário na rede social causou, a piada feita no CQC também voltou à tona com tudo. Portanto entender o modo cíclico que o humor e as polêmicas operam na mídia e nas redes sociais é fundamental para perceber como ele ainda é um tema tratado como algo à parte do mundo social e como os humoristas se aproveitam disso para exercerem sua “liberdade ilimitada”.

Os humoristas que defendem o humor sem limite a partir da tal liberdade de expressão parecem esquecer a liberdade dos outros, pois onde está a liberdade de alguém sair na rua com medo de ser alvo de piadas humilhantes? Aquelas piadas que esculacham os cabelos crespos, por acaso os comediantes pensam na liberdade de uma pessoa que tem o cabelo crespo? É como se quem fosse o alvo das piadas não fosse gente, não fosse ser humano, não fosse um cidadão. O meu questionamento e minha forma de combate aqui não é apenas analisar casos e casos, mas, sim, tentar rebater a ideia de que em nome do humor tudo é permitido, pensando, principalmente, em uma estrutura que privilegia uns e oprime outros. Por isso que criticar o humor ofensivo por si só não é suficiente, é necessário tecer críticas fortes ao modo no qual a sociedade o percebe como um todo. O problema do mundo não está no humor, mas ele acaba sendo um contribuinte para a reprodução das opressões cotidianas e perpetuação da dominação social com sua forma sutil.

Em 2012 o humorista e apresentador Danilo Gentili, que já foi citado aqui, fez uma piada racista que, mais uma vez, entrou como ponto de polêmica. O redator Thiago Ribeiro organizou um compilado de momentos em que o apresentador usou do humor para reproduzir o racismo e postou no YouTube, que logo foi retirado do ar, porém o vídeo já tinha se espalhado e repercutido nas redes sociais. Inconformado com várias críticas, o humorista fez o seguinte comentário, diretamente para o redator no Twitter: "*Sério*

@LasombraRibeiro vamos esquecer isso... Quantas bananas você quer pra deixar essa história pra lá?'" É uma forma descarada de usufruir do privilégio de fazer humor racista em uma sociedade que compactua com o racismo cotidiano; a vítima dessa piada racista entrou com uma denúncia judicial contra o humorista, mas o resultado foi improcedente, com a alegação de que não houve a intenção de ofensa por parte do apresentador. A naturalidade e a noção da impunidade que alguns sentem ao tecer piadas preconceituosas chega a assustar e reforça o imediatismo da importância de levar o humor a sério, pois como eu havia colocado no capítulo anterior, no tópico 1.1, referente a seriedade do humor, a plateia é mais importante do que o próprio humorista nesse sentido, porque a polêmica recai sobre o famoso, mas os anônimos seguidores do famoso, que o apoiam incondicionalmente, não só vão tratar como vitimismo quem reclama do humor ofensivo, como vão reproduzir as piadas preconceituosas sem maiores represálias. Na época das redes sociais, é por elas que o humor deve receber um foco maior, principalmente para entender a lógica cíclica dessas polêmicas. O humorista polêmico, que podemos definir como aquele que não se importa com as consequências de seus comentários e apela de uma forma negativa para chamar a atenção para si, sabe que há um público que o idolatra, e apesar de muitas pessoas o criticarem, sempre vai ter aquelas que o apoiarão e seguirão achando normal essas piadas insensíveis.

Aquele que conta piadas manipula seu interlocutor, desvia deliberadamente sua atenção e fixa-a na história, para obter maior impacto e conseqüentemente maior prazer por parte de quem ouve. Assim, é possível imaginar que quanto maior o prazer obtido por quem ouve a piada, maior será também o prazer obtido por quem a conta. Há uma correspondência de intensidade nestes "prazeres" (VERRONE, 2009,p.67).

Na era digital, os memes são propulsores das interações entre internautas quando envolve a questão humorística, dificilmente alguém não se encaixará em algum grupo ou página que o represente. Fiz uma simples pesquisa pelos termos "humor pesado" e "humor sem limites" no Instagram a fim de conhecer páginas — com muitos seguidores — que se dedicam ao compartilhamento de um humor mais ofensivo e que não se importam com limite algum. E nestas mesmas páginas⁵ uma pequena averiguação nos comentários das postagens já é o suficiente para perceber o público deste ambiente digital. Então a partir de páginas que tratam o humor ofensivo como pauta principal de

5 @chmemesoriginal

@memes_aleatorio_

@caramelo_shit @humor_sem_limite100

socialização digital, as pessoas se sentem totalmente confortáveis em consumir e comentar o que bem entenderem nesse espaço virtual específico. Portanto quanto mais polêmicas humorísticas, mais entretenimento gera para essas pessoas, por isso que um humorista pode até ter uma consequência judicial ao ter que pagar por um processo que ele perdeu, mas dificilmente ele perderá seu público por inteiro em shows ou em seus perfis de redes sociais.

Aqui se faz necessário buscar a contribuição de Erving Goffman para pensar melhor as interações sociais e como o humor consegue transitar por elas. O sociólogo canadense é importante para ser incluído na análise do humor por este ser uma linguagem social que permeia as relações entre pessoas e condiciona determinadas ações que, por muitas vezes, são vistas como banais. Se analisarmos as famosas pegadinhas que sempre passavam na TV, e ainda passam, dá para perceber como a revelação do humor assume uma função de suavizar qualquer absurdo anterior; muitas das vítimas das pegadinhas, sem saber do que se trata, explodem de raiva, mas logo mudam completamente a sua reação após o protagonista, ao se ver ameaçado, dizer que é uma brincadeira, que “tem uma câmera ali”. Então trazendo isso para as questões sociais: o racismo, a homofobia, o machismo... serão suavizados quando alguém “ativá-los” em forma de humor. É extremamente absurdo e hipócrita pensar que o racismo seja seletivo, que ele existe nos estádios de futebol, mas não na mesa de um bar porque as ações verbais e não-verbais foram feitas em nome do humor; quem pensa assim não está a fim de lutar contra o racismo, mas sim de querer legitimar, em nome da suprema liberdade de expressão, em quais lugares se pode ser racista sem ser criticado. Portanto a *fachada* que um humorista utiliza quando faz uma piada para humilhar grupos oprimidos é conectada na *preservação da fachada* que o próprio humor oferece na sociedade como desculpa, que pode ser definido em “ele não é preconceituoso, ele é apenas um comediante”, e qualquer opinião contrária a isso é tida como desejo de censura. “A preservação da fachada serve para neutralizar ‘incidentes’ — quer dizer, eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a fachada.” (GOFFMAN, 2011, p.20)

Um ato ou um discurso racista no dia a dia, sem relação alguma com o sentido recreativo, por exemplo, é visto por quase todo mundo como algo reprovável e insultuoso, mas quando o racismo acontece no humor o que se tem, por uma grande parte da sociedade que não percebe o humor como algo sério, é o humorista tratado como símbolo de resistência ao “politicamente correto”; é como se ser preconceituoso no humor fosse

lutar contra o sistema, e há de se pontuar que isso não acontece simplesmente porque o humor permite, mas sim por um ideal coletivo de que o riso é mais importante que a dignidade do outro. Desse modo, vale trazer novamente Goffman para a discussão ao pensar mais um de seus conceitos, o de equipe, que de acordo com Nizet e Rigaux (2016) “para Goffman, uma equipe é um ator coletivo que conduz uma representação. Assim, os membros de uma equipe deverão contar com a boa conduta dos diferentes parceiros e com sua solidariedade, apresentando uma fachada de familiaridade aos olhos do público.”

O fato de estar bem distante de haver um consenso de que uma piada racista é parte do problema do que é o racismo, só beneficia quem já é privilegiado, seja por não sofrer pelos deboches, seja por ganhar popularidade por ser porta-voz do humor que deprecia os oprimidos. Com isso ser um humorista polêmico é a premissa máxima de respeito pelos consumidores e apoiadores do humor preconceituoso. Como uma ideia de fanatismo, ser contra o limite do humor é, quase automaticamente, ser a favor de todos os humoristas que pensam igual.

2.2 — O cancelamento que engaja o humor como forma de dominação: a importância da plateia humorística

Na maioria das vezes em que eu comentei com amigos e colegas sobre esse meu tema de TCC, um humorista específico sempre era citado. “*Com certeza tu vai pesquisar sobre Léo Lins, né?*”. Leo Lins, que também já foi citado aqui, é o humorista brasileiro mais conhecido por fazer esse tipo humor insultuoso, e pegando a lógica que coloquei no parágrafo anterior, por ser o mais polêmico, ele é o mais respeitado nesse meio humorístico sem limites. Ou seja, podemos dizer que o humorista mais reconhecido do século no Brasil é o que mais foi “cancelado”; os shows de *stand-up* dele estão sempre lotados, mesmo a sua carreira sendo cheia de polêmicas pelas piadas preconceituosas.

A cultura do cancelamento, essa prática coletiva que às vezes tenta fazer com que uma pessoa, com alguma atitude ou fala reprovável, seja exonerado da sua posição social e não tenha mais seu conteúdo consumido, na minha percepção, não é útil ao combate contra o humor ofensivo; e a tentativa de retirar alguns shows com piadas depreciativas contra minorias da internet, por mais que a intenção seja boa, frequentemente sempre vira uma nova forma de divulgação do que se está combatendo. A polêmica alimenta a

curiosidade. Então entre querer a existência ou não de piadas preconceituosas, eu escolheria que não, mas como esse desejo da não-existência de piadas humilhantes não é mágica e analisando tudo que já falei sobre como a sociedade brasileira enxerga superficialmente o humor, o melhor caminho possível não está na tentativa de supressão imediata das piadas, pois é um tiro que normalmente tende a sair pela culatra, mas, sim, no que tanto venho comentando: o melhor trajeto seria uma conscientização, pouco a pouco, pela seriedade do humor, analisando as piadas ofensivas que já foram ditas e retirando delas o caráter cômico, deixando apenas a problemática social como uma forma de elucidar que aquilo é cruel e pode facilmente ser questionado. Não rir de uma piada é como não se impressionar com uma mágica, tende a frustrar o humorista igual frustra o mágico; e mais, perceber como a mágica funciona e entender como a piada opera tem uma lógica parecida, ou seja, propendem para a perda da graça, e se algo deixa de ser visto como engraçado, não demora muito para que ele, naturalmente, vá sumindo aos poucos ou tendo pouquíssima aderência.

Pensando que o humorista depende de sua plateia, e normalmente sua plateia é o que condiciona suas desenvolturas humorísticas, a prática do *stand-up*, esse modo viral nos últimos anos de fazer humor com a característica principal de ser uma apresentação onde o humorista fica em pé com um microfone e expõe seu texto autoral, foi um dos alvos da minha pesquisa para entender melhor a interação de humorista e plateia e de como há uma liberdade extrema cumpliciada pelos dois. No documentário já citado aqui, *O riso dos outros*, o humor contemporâneo é colocado em uma posição intrigante, expondo argumentos de vários comediantes e pessoas que se interessam pelo tema e suas concepções sobre os limites e detalhes do humor; e na intenção de uma contribuição mais profunda, senti a necessidade de destacar alguns trechos do documentário que, interessantíssimo, não traz apenas a concepção dos humoristas.

Uma das partes fundamentais nessa minha pesquisa é justamente perceber os discursos dos humoristas mais conhecidos no que tange as discussões sobre o humor, entendendo que há uma representação de quem os acompanha, de quem forma a sua ala de espectadores desses humoristas; ou seja, mesmo que toda repercussão recaia sobre o propagador das piadas preconceituosas e que ele seja alvo de críticas conscientes, há de se reforçar que os seus seguidores (não humoristas e que podem ser encontrados nas páginas de humor na internet) que reproduzem as piadas no dia a dia continuarão, com toda a liberdade, difundindo fortes fragmentos do humor ofensivo nas escolas, nas praças,

nos bares e nos campos de futebol. Portanto a segunda parte da minha pesquisa, que será mostrada no capítulo posterior, é a minha dedicação em acompanhar o meu próprio cotidiano e perceber quando e como ocorre o humor perverso nas interações que percebi ao meu redor. Com isso vale salientar meu desejo de problematizar não apenas quem está nos holofotes, mas, principalmente, quem está na plateia.

Vejamos algumas transcrições do compilado de visões sobre o humor que o documentário “*O riso dos outros*” oferece e como é interessante notar que é possível e necessário tratar o humor como algo relevante na sociedade: “*O comediante tem que ser uma prostituta, o que eu quero é riso. Eu me vendo por riso, se você rir eu tô falando.*”⁶ (6:33) Essa frase de Danilo Gentili resume bem a relação de cumplicidade entre o humorista e a plateia, e também evidencia o desprezo em nome do riso, que se for necessário o comediante irá no nível mais escroto possível para tentar provocar risadas no seu público.

*“A piada preconceituosa, ela se ancora em determinados valores, por definição preconceitos solidificados na sociedade, então é fácil fazer piadas com esses estereótipos né, porque eles estão prontos pra você; desmontá-los é muito mais difícil.”*⁷ (9:05)

Aqui o professor de literatura Idelber Avelar pega a questão da facilidade de preparar piadas preconceituosas, sem que haja a necessidade de um senso criativo, pois é como abrir uma janela, a paisagem já está pronta, o que o humorista faz, de modo desonesto e insensível muitas vezes, é apenas afastar a cortina. Então é um tipo de humor extremamente superficial, mas que muita gente adora ouvir.

Continuando o desenvolvimento analítico, recuperamos a fala do ator Hugo Possolo:

*“O humorista não é responsável pelas mazelas da sociedade, ele tá apenas expressando e retratando, à sua maneira, que é aquela que provoca o riso, as mazelas da sociedade. Então não culpes os humoristas por estarem fazendo piada de coisas que acontecem na sociedade.”*⁸ (13:22)

Estou de acordo quando ele na primeira parte de sua fala, realmente os humoristas não são os causadores dos problemas estruturais, porém não dá para deixar de criticá-los

6 Danilo Gentili (Humorista)
 7 Idelber Avelar (Professor de literatura)
 8 Hugo Possolo (Ator e palhaço)

quando o seu humor é claramente problemático. O humorista não tem culpa das mazelas sociedade, mas ele tem responsabilidade com a manutenção delas. Não é porque ele não foi o causador do problema, que isso lhe dá o direito de falar o que quiser como bem entender.

A seguir, Jean Wyllys traz algo sobre o desejo que alguns humoristas têm de humilhar o outro:

“Existem outras formas de fazer humor, existem outras maneiras de fazer rir sem humilhar os outros, alguém de talento de verdade consegue fazer isso, e mesmo quando você traz essas minorias pra piada, ela não precisa ser, necessariamente, humilhando a pessoa.”⁹ (15:04)

Existem vários temas e várias formas de abordá-los, limitar apenas a querer menosprezar quem já é tido como desprezível pelos clichês preconceituosos do humor realmente não me parece ter relação nenhuma com talento. Querer colocar os negros nas piadas não tem problema nenhum, agora colocá-los de forma humilhante e indigna, reforçando o racismo do dia a dia, aí já é algo bastante reprovável.

Continuando nas falas do filme:

“Como a maioria dos atores que fazem humor são homens, eu cansei de ver o universo feminino ser decantado, escaneado, sacaneado. (...) E até as mulheres que fazem humor, as poucas que fazem, fazem um humor muito machista, elas reforçam toda leitura que os homens têm delas.”¹⁰ (18:56)

Nany People nessa fala provoca uma reflexão muito boa em relação as pessoas que fazem parte de grupos oprimidos, mas que produzem um humor opressor, um humor que realmente reforça o modo inferiorizado que outro grupos as percebem. Penso que a falta de um senso crítico mais forte e o costume de perceber o humor como um mundo à parte são elementos que contribuem com a manutenção da opressão a partir da incorporação do discurso dominante por parte do dominado, característica da violência simbólica já citada aqui em relação a Bourdieu.

A fala de Antônio Prata logo abaixo:

9 Jean Wyllys (Jornalista e político)

10 Nany People (Comediante)

“Se o cara falar “eu acho que as mulheres feias devem ser estupradas” ele vai ser, talvez, preso; e se ele falar, por outro lado, “as mulheres feias deviam ser agradecidas quando são estupradas porque, pelo menos, alguém as quis” isso passa como uma piada e esse cara pode falar isso, embora ele esteja falando a mesma coisa.”¹¹ (22:01)

Chamou minha atenção, pois é uma colocação extremamente importante e necessária para revelar como que o caráter divertido do humor ameniza o perigo de uma fala criminosa contra quem já sente um pânico constante de ser estuprada.

E aqui no comentário de Lola Aranovich: *“Não é que a pessoa vai sair por aí estuprando, mas você defende todas as ideologias por trás do estupro nas piadas.”¹² (24:29)*, fica claro o porquê de se questionar o bordão “é só uma piada”; a prática do estupro pode não estar sendo feita pelo humorista, mas o discurso insinuando o ato criminoso em forma de humor coloca o estupro como algo sem tanta gravidade.

A maioria das falas aqui destacadas do documentário vão de encontro ao que tenho proposto como seriedade do humor, mas há um ponto que é sempre raro nessas discussões, que é a posição vista como “neutra” de quem consome as piadas, o pouco interesse em analisar a plateia do humor. Do mesmo modo que ninguém vai a um show musical de Djavan esperando que ele cante funk ou axé, ninguém vai a um show stand-up de humoristas da ala do humor ofensivo esperando que ele dê indícios de um lado revolucionário a partir das piadas. Entre o humorista ácido que faz de tudo pra arrancar risadas em sua apresentação e pessoas com críticas pesadas e coerentes sobre esse humorista, existe o público que se deleita com todos os preconceitos apresentados de forma cômica. Então a lógica do stand-up, que acrescenta uma intimidade a mais entre o humorista e a plateia, é a sintonia perfeita para a criação de um ambiente onde o respeito e a responsabilidade são inteiramente deixados de lado.

Aqui vale lembrar um episódio no mundo futebolístico que aconteceu em 2019; durante este ano a Globo começou a entregar um troféu de *Craque do Jogo* para o melhor jogador em toda partida do Campeonato Brasileiro em que a emissora transmitia, e esse troféu, inicialmente, era decidido unicamente pelos internautas que votavam no site esportivo da Globo. Entretanto, em uma determinada rodada, na partida entre Santos x

11 Antônio Prata (Escritor)

12 Lola Aranovich (Blogueira feminista)

Vasco, depois de falhar em alguns dos gols e ter uma atuação nada agradável, resultando na derrota por 3 x 0, o goleiro do Vasco, conhecido como Sidão, foi escolhido como o Craque do Jogo com 90% dos votos dos telespectadores, causando um constrangimento inesquecível em rede nacional. Obviamente houve uma imensa falta de insensibilidade dos profissionais da Globo ao entregarem o troféu para o goleiro, mesmo sabendo que a votação foi por puro deboche, mas há de se frisar a falta de empatia de quem votou. Trago essa situação para enfatizar que um humorista ao subir no palco faz diversas capturas no leque de preconceitos e escárnios da plateia, causando uma falsa legitimidade de que no âmbito humorístico tudo é permitido sem problema algum. Então seja em uma votação do quer que seja ou em um caso extremo de violência, há sempre espaço para o humor desrespeitoso, há sempre espaço para a liberdade do humorista em ser preconceituoso, justamente porque há um público que dialoga diretamente com as piadas ofensivas cotidianamente.

No documentário analisado aqui há um trecho de um stand-up de Leo Lins fazendo piada com as pessoas pretas que fazem tatuagem, expondo sua “dúvida humorística” de que não faz sentido ser preto e ter tatuagem porque não dá nem para ver o que se foi desenhado na pele. Esse tipo de comentário causa um incômodo grande em quem é preto, por isso não faz sentido uma pessoa branca achar que a reação crítica a uma piada como essa é exagero, pois ela não sente nada de constrangimento ou deboche nesse sentido; ser o alvo de piadas que renovam a opressão cotidiana é um ataque direto a autoestima da vítima. Por exemplo, eu já cortei o cabelo por desconforto de comentários, ditos de forma cômica, em relação ao tipo de cabelo crespo, mesmo eu querendo deixar ele crescer um pouco mais que o habitual:

Os estereótipos raciais negativos presentes em piadas e brincadeiras racistas são os mesmos que motivam práticas discriminatórias contra minorias raciais em outros contextos. É mesmo possível afirmar que piadas e brincadeiras que reproduzem estigmas raciais não afetam a vida dos membros desses grupos, sendo então socialmente irrelevantes? (MOREIRA, 2020, p. 29)

Pensar em alisar o cabelo por uma pressão social com intuito de não pertencer ao que é visto como “feio” é de uma violência psicológica absurda. Durante a copa do mundo de futebol feminino, em 2019, a zagueira francesa Wendie Renard foi alvo de piadas racistas por vários internautas brasileiros por causa do seu cabelo; os termos ofensivos “cabelo ruim” e “cabelo duro” perpassam o cotidiano do Brasil como coisas normais de se falar sem qualquer problema, reforçando que o cabelo liso é o parâmetro do que é visto

como modelo ideal. Há de se refletir em como as piadas são usadas também para menosprezar o talento do outro, tirando o foco da qualidade do alvo e querendo inferiorizá-lo com chuvas de ofensas, e no futebol isso fica muito claro. A jogadora pode ser a melhor do mundo, mas se ela não se encaixar no perfil do que é tido como “belo”, logo sofrerá ataques, não ao seu talento, mas a alguma característica física que os preconceituosos usarão para fazer zombarias.

Pelo humor é como se as pessoas tivessem o direito de discriminar o outro quando e como bem entenderem, justificando que se alguém se sente ofendido com uma piada é só não consumir tal conteúdo; que se há um humorista que tenta fazer graça humilhando as minorias sociais é só não ir ao show. Esse tipo de pensamento poderia ser relevante se tivéssemos uma sociedade ilesa das opressões sociais; não ir a um show que você não gosta é o mais sensato a se fazer, mas quando esses shows contribuem para uma afetação negativa de forma ampla e contagiosa é necessário questionar algumas das piadas feitas em cima do palco e nas interações do dia a dia.

2.3 — O limite do humor e a perpetuação do bullying

Nos últimos anos, muitos humoristas da ala do humor sem limite, como Danilo Gentili, Fabio Rabin, Leo Lins e Maurício Meirelles, alegam que estão sofrendo uma patrulha pesada em relação as suas piadas, que estão sendo censurados e que sua liberdade de expressão está extremamente restrita. Porém uma das questões que enfatizo é: por que querer uma liberdade baseada no quanto você pode ofender alguém e não ser criticado? A piada não pode ser vista como algo inteiramente banal e irrelevante, pois em algum momento ela realmente é séria. Há uma falha gigantesca no argumento de que as piadas não são opiniões pessoais, não pelo sentido em si, mas pela brecha que dá margem para o que fica em segundo plano. Imaginemos que realmente grande parte dos humoristas não esteja dando suas opiniões ao contar piadas preconceituosas, porém podemos constatar o erro drástico dessa premissa com uma reflexão simples: e se um humorista realmente estiver expondo sua opinião na piada ofensiva, como iremos identificar?

O humor ser ou não ser uma arte não invalida todas as críticas já colocadas anteriormente, pois para mim a arte, como qualquer outra coisa, tem que ter limites. Há uma diferença, por exemplo, entre uma arte racista e uma arte que retrata o racismo; não

posso achar que são a mesma coisa apenas porque estão classificadas no catálogo de arte e que por isso as duas merecem ser consumidas sem nenhuma objeção:

(...) os defensores da *LIBERDADE* leem os argumentos que proponham qualquer restrição ao discurso como *CENSURA* (...) e não como limite. Os defensores do limite leem o sema fundamental do outro discurso não como liberdade, mas como *ABUSO* (que se materializa como desrespeito, grosseria, falta de educação, falta de sensibilidade, etc.” (POSSENTI, 2018, p. 106).

Não é difícil saber quais temas são delicados e quais piadas vão gerar polêmicas e inquietações no pior sentido, então um humorista ao preparar seu texto ele sabe perfeitamente o quanto que o seu humor pode ser nocivo, mas se ainda assim ele leva isso adiante, ele apenas afirma a sua irresponsabilidade social. Sem pensar na questão jurídica, tentar limitar o humor, ou melhor, tentar identificar qual o limite para o humor de forma geral é bastante complicado, pois é como correr por uma casa desconhecida e escura, a chance de esbarrar em algo é alta; por isso que minha ideia principal é a de problematizar, colocando a responsabilidade como um fator a ser seguido entre a vida e arte, considerando a estrutura de dominantes e dominados na sociedade.

Em um evento sobre o humor, em 2023, o humorista Maurício Meirelles comentou que o humor não tem limite, mas que ele tem suas barreiras, ou seja, a problemática que ele coloca, mesmo que implicitamente, é em relação a própria imagem dele, e não uma preocupação geral com outras pessoas; com isso, sobre morte ele não faz piadas, mas acha normal quem quiser fazer. É bastante supervalorizada essa ideia de liberdade que permeia os humoristas, e quem trabalha com humor e propõe algum limite no seu campo é tido como se fosse um adversário do próprio mundo humorístico, como se o bordão *um por todos, todos por um* fosse a premissa máxima dos humoristas que realmente “valorizam” o seu trabalho, dando a entender que os humoristas devem se apoiar entre si, mesmo que façam piadas preconceituosas. Podemos citar o caso entre os humoristas Danilo Gentili e Victor Camejo, já em 2023, após as polêmicas sobre piadas racistas feitas por Leo Lins em seu show stand-up; Gentili se incomodou com Camejo por ele se colocar contra algumas piadas feitas por Leo Lins, alegando que ele deveria apoiar o humorista polêmico e não o criticar. Vale destacar aqui que entra ano e sai ano e Danilo Gentili continua o mesmo, não querendo aprender nada sobre responsabilidades; mesmo eu trazendo situações dele em épocas diferentes, ainda assim ele continua igual no sentido de querer desrespeitar o outro e achar que isso é o certo. Portanto, para as pessoas que acham que

tudo é permitido em nome do humor, é como se esse humor fosse uma religião e a divindade seria a liberdade de ofender o outro.

Outra fala que vale destacar sobre o limite do humor é uma dita por Leo Lins várias vezes, o mesmo, obviamente, acha que o humor não tem limite, mas que o ambiente, sim. Por mais que seja uma frase interessante, tem a problemática parecida com a de Maurício Meirelles citado anteriormente: é uma forma reduzida de perceber o lado pernicioso do humor. Ou seja, se com Meirelles a ideia é de que “eu não faço, mas acho normal e legal quem faz”, com Leo Lins é como “eu não sou preconceituoso no dia a dia, porém em cima do palco eu posso”. É uma percepção rasa de que o humor só acontece no momento do show, e não no cotidiano, como se o que é dito em forma de piada fosse algo neutro e que não influencia as pessoas.

Tratar o humor como neutro e, ao mesmo tempo, como passível de abordar qualquer que seja o tema sem nenhuma responsabilidade é muito perigoso, pois não há nada de neutralidade em querer inferiorizar o outro se utilizando de mecanismos humorísticos. Não tem imparcialidade nenhuma em querer fazer alguém rir se apoiando em ofensas e estereótipos com intuito de menosprezar um grupo socialmente oprimido; é totalmente parcial querer fazer do racismo um tema para provocar riso debochando do próprio povo negro. Essa roupagem aparentemente inocente, neutra e alegre do humor preconceituoso é só mais uma forma de perpetuar uma dominação, o simples fato de alguém não querer problematizar questões sociais já é uma maneira de afirmar esta perpetuação:

(...) o discurso humorístico também opera como um mecanismo de encobrimento do racismo, devido a sua narrativa lúdica, assim como opera com estereótipos que reforçam negativamente a imagem da população negra. O riso como um corretivo social aplica-se nesse caso como um dispositivo de autoflagelação do negro, na própria negação de sua identidade, da história e cultura de seu povo e na busca pela introjeção de valores hegemônicos produzidos pela cultura do branqueamento que são inseridos e reproduzidos em níveis institucionais e culturais, como escola, mídia, moda, etc. (SILVA, 2015, p.26).

Analisando muitos comentários em redes sociais de publicações sobre as polêmicas do humor e casos de bullying há de se notar um discurso muito difundido de que as pessoas que se incomodam e reclamam de piadas são pessoas extremamente sensíveis e que se sentir ofendido no contexto humorístico não faz sentido. Ora, podemos articular uma questão sobre este argumento nada empático dos que acham que o humor

não deve ter limite: se esta “sensibilidade” de certas pessoas é mais evidente será que o motivo não é a própria questão estrutural? Se uma pessoa preta se sente ofendida com uma piada racista não seria por conta do racismo ser como um prego que tortura diariamente? Então, no humor, é como se a preocupação com a falácia da liberdade ilimitada fosse mais importante do que a problematização das questões sociais. Achar divertido fazer comédia com as dores dos outros é compactuar com a normalização das agressões simbólicas.

Uma das coisas que mais me chateava no tempo de ensino fundamental e ensino médio era o bullying, apesar de eu não ser um alvo constante — eu evitava manter contato com os grupos que geravam as ofensas em forma de “brincadeira” — mas eu me sentia muito esquisito quando via alguém frequentemente sofrendo com o bullying; e tudo parecia tão natural, tudo era tão “alegre” por parte dos agressores que riam bastante, que reclamar daquilo parecia ser errado. E é justamente esta alegria insensível que prolifera outro discurso em relação ao limite do humor, o discurso saudosista e incompatível com uma análise séria de que *“sofri bullying e era divertido, não tive trauma nenhum isso”*. Não dá para querer normalizar algo que machuca tantas pessoas e gera tantos traumas por causa de exemplos individuais que não são condizentes com a realidade.

Antes de trazer dados reais sobre o bullying no Brasil e destacar como isso é um problema sério a ser combatido, é necessário levantar uma reflexão sobre a diversão e o sofrimento deste problema. O bullying provoca o contraste forte das risadas de uns com a dor do outro, é o humor do opressor, é a agressão ao se sentir superior a outra pessoa. Sabendo que existem pessoas que não enxergam o bullying como um problema real, mas sim como uma hipersensibilidade da geração do “mi mi mi” e uma revolta sem causa, imaginemos um experimento hipotético com 100 pessoas. 50 delas afirmam ter sofrido bullying e ficaram traumatizadas; as outras 50 foram vítimas de bullying, mas não viam nada de mais nisso. Entre as formas de diversão, entre apoiar ou ser contra o bullying, o simples fato de poder evitar que 50 pessoas fiquem com traumas já deveria ser suficiente para questionar a tranquilidade dos outros 50 que não veem problema no bullying, pois existem outras formas de se divertir, mas as maneiras de sofrer não é uma opção a ser pensada; quem pratica as agressões podem achar outras maneiras de ter diversão, mas quem sofre apenas sofre. Que vida deplorável é essa que para rir é preciso humilhar o outro?

Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública¹³ mais recente, a partir de dados da Prova Brasil, quase 38% das escolas brasileiras (mais de 28 mil no total) afirmaram casos de bullying relatados. Na questão escolar fica mais evidente a importância de perceber como que o humor que humilha a dignidade humana deve ser problematizado, pois estamos falando de adolescentes que reproduzem constantemente violências simbólicas como prática de diversão. Então aquela lógica incoerente de que o humor é algo isolado da sociedade é extremamente perigosa, pois o discurso acaba se sobrepondo às ações violentas, a prova disso é o tanto de casos de negligência que ocorrem após uma vítima relatar que está sofrendo bullying. Lutar contra o bullying é, necessariamente lutar contra o humor opressivo, logo então as piadas também devem ser questionadas quando ofendem e humilham grupos oprimidos.

O riso temporário dos agressores não pode ser legitimado quando está causando traumas em outras pessoas. A gente, como sociedade, comenta sobre suicídio, sobre machismo, sobre racismo, e como esses preconceitos matam pessoas. Mas por que não comentamos sobre humor nessa ótica da seriedade, quando este, dependendo do modo que é feito, é o causador destes problemas supracitados? Se olhar no espelho é um sacrifício quando te fazem odiar seus traços fenóticos, e perceber que, além de tudo, você é visto como o alvo das “brincadeiras” é uma barreira difícil de enfrentar.

De acordo com os dados mais recentes divulgados pelo IBGE em relação a violência escolar, em 2019, mais de 40% dos alunos relataram ter sofrido bullying na escola¹⁴, e essa estatística é resultado de respostas de alunos do 9º ano do ensino fundamental. E esses 40% é um número crescente comparado com 10 anos atrás, que tinha cerca de 30% dos alunos que afirmaram já terem sido vítimas das do bullying. Esse aumento é bastante preocupante, é necessário levar a sério qualquer “brincadeira” que faça o outro sofrer, não dá para achar normal prezar por uma liberdade que se afirma na humilhação de outras pessoas. A luta contra o humor opressor não é por vitimismo ou “lacrção”, como muitos que acham que o humor tem que ser ilimitado pensam, mas, sim, por colocar como importante a saúde mental, a dignidade e o respeito, principalmente dos grupos oprimidos.

13 [anuario-2023-texto-16-violencia-nas-escolas.pdf \(forumseguranca.org.br\)](#)

14 [IBGE: 40% dos alunos já sofreram 'bullying' e 24% dizem que vida não vale a pena | Brasil | Valor Econômico \(globo.com\)](#)

Capítulo 3: O cotidiano como espelho do humor e vice-versa

Durante a segunda parte da minha pesquisa, iniciada em meados de 2021 — observando o cotidiano de Juripiranga, cidade onde moro, em busca de entender como funciona as interações a partir do teor humorístico do dia a dia — foi perceptível que a proximidade/intimidade entre pessoas proporciona um espaço para que piadas preconceituosas sejam ditas como se fossem saudações. Na praça da cidade, ambiente que sempre frequento, notei de alguns colegas repetições de anedotas racistas realmente como se fossem um “boa noite”, como quando uma pessoa preta mais íntima de quem fazia as piadas chegava na praça com um camisa preta e perguntavam se ela não tinha vergonha de ter saído de casa sem camisa; entretanto isso não acontecia comigo, mesmo quando eu chegava com uma camisa preta. Portanto, uma das coisas que impede de eu ser recebido com perguntas como essa nesse ambiente é uma relação mais frequente e de “liberdade” de ofensa; como eu não sou uma pessoa que dá espaço para “brincadeirinhas” assim, as pessoas não se sentem “livres” para dizer tudo o que queriam realmente para se sentirem engraçadas.

Eu criei, não intencionalmente, uma espécie de rede de observações com um amigo e uma amiga mais próximos com o sentido de buscar semelhanças em ambientes que reproduzissem a dominação na forma do humor. Por exemplo, um dia falei para eles que a barbearia era um lugar muito confortável para se fazer piadas ofensivas quando o barbeiro e a clientela têm quase a mesma idade e frequentam mesmos grupos, pois a que eu ia para cortar o cabelo — e eu sempre escolhia os sábados justamente porque tinha mais gente na fila, e assim a observação seria mais proveitosa — sempre acontecia as anedotas, principalmente, machistas e homofóbicas, e tudo rolando na maior naturalidade possível. Uma semana depois meus dois amigos me relataram que perceberam a mesma coisa já em outra barbearia da cidade, enquanto estavam esperando um colega terminar o corte de cabelo. Infelizmente, a visão de perceber o humor como algo ingênuo e socialmente permitido é a normalidade, e a tentativa de romper com essa normalidade esbarra no caráter recreativo e risonho, que esconde todo o aparato de preconceito e opressão, fazendo apenas com que as pessoas relevem coisas sérias.

Ainda a partir dessa rede de observações com meus amigos ficou mais nítido perceber como a pedofilia e o assédio sexual deixa de ser um problema no humor e passa a ser algo divertido e irrelevante. Pudemos compartilhar como frases ditas em tom de

brincadeira como “idade é só um número” ao se referir a meninas bem mais novas é algo bastante comum entre homens; e que assediar uma pessoa quando se está bêbado é algo engraçado, e não problemático, pois “não fui eu, foi a cachaça”.

O caráter divertido que o humor reverbera faz com que muitas coisas fiquem mais leves de serem compartilhadas, e isso é realmente uma qualidade, porém é necessário entender que há temas que não podem ser tratados como uma piada qualquer; portanto, a forma como se aborda determinados assuntos delicados no humor é que vai prevalecer como algo criativo e importante ou apenas escárnio para humilhar. É fundamental perceber, além de como é feito, quem produz os tipos de humor, pois assim dá para ter uma noção maior de que esse tema é inseparável das questões sociais: Quem faz e defende o humor racista? Quem debocha dos gays nas piadas? Porque o que fica evidente em muitas situações, quando há repercussão de alguma piada preconceituosa e observando conversas paralelas sobre humor e dialogando com alguns colegas, são pessoas brancas que querem ditar o que é sofrimento a partir do racismo e o que não é; héteros que querem indicar que não há problema nenhum em fazer um humor homofóbico. É como se a posição de privilegiado oferecesse recursos para fazer alguém se sentir mal e, ainda assim, ter aparatos para criticar a crítica de quem foi vítima.

Um outro ponto interessante que observei frequentemente é que, ao se tentar criar um cenário de humor ofensivo, o riso é o convite para a continuidade, e o silêncio é o sentimento de vergonha alheia que indica o sinal vermelho; perdi as contas de quantas vezes eu me senti constrangido e sentindo uma vergonha alheia por falas desnecessárias e preconceituosas ditas por algumas pessoas, e após um silêncio tenso, dava para perceber a decepção no rosto de quem tentou ser “humorista” naquele momento. Na percepção dessas pessoas, apesar de tentarem provocar risos com conteúdos preconceituosos, quem não rir de alguma coisa assim é tido como chato, já quem rir é considerado divertido, portanto nessa lógica há uma espécie de ritual envolvendo o riso que tem um desdobramento de continuação e intensidade caso o “sinal esteja aberto”; ou seja, pegando exemplos de shows de stand-ups, o comediante ao perceber que recebe um retorno positivo de risos vindo da plateia ele se vê na “obrigação” de prosseguir na mesma piada, intensificando até o momento em que a plateia já não corresponde como ele espera. Então o quanto antes as piadas que ofendem grupos minoritários forem levadas a sério, melhor vai ser para o bem-estar coletivo de grupos que exigem respeito. Não importa se alguém tem ou não a intenção de ser homofóbico, por exemplo, mas se há um menosprezo

na sua fala é necessária uma problematização, pois mesmo que não seja intencional, é um humor que reproduz uma dominação presente e cruel no cotidiano. Certo dia na praça de Juripiranga, um colega chegou pra mim e perguntou se eu queria escutar uma piada que provavelmente iria me ofender, e eu respondi, de uma forma seca, que não queria e perguntei o motivo de ele perder tempo querendo contar uma piada que vai ofender quem está ouvindo, ele simplesmente respondeu: porque é engraçado. Essa lógica de escarnecer só por escarnecer evidencia como que a estrutura só beneficia os opressores, pois qualquer discurso dito, com a maior pretensão do mundo, em direção a um grupo privilegiado — privilégio inclusive de poder impor o que é considerado melhor, mais certo, mais engraçado —, ainda assim nenhuma “ferida” será aberta; já em direção a um grupo oprimido, um comentário “engraçado”, mesmo sem pretensão nenhuma, pode fazer com que vários sentimentos negativos sejam desencadeados.

Durante a eleição de 2022, enquanto eu estava na fila esperando minha vez de votar, um rapaz que devia ter uns 40 anos começou a puxar assunto e a reclamar do calor, e em certo momento ele disse em meio a risos: *Ainda bem que tem pouca gente hoje, na eleição anterior tava lotado e era uma catinga de nego danada*. Catinga de nego é uma expressão associada ao mau cheiro vindo das axilas, o famoso “cecê”, e desde a adolescência que percebi que a expressão é racista, fazendo referência ao mito de que os negros são biologicamente sujos, e em várias ocasiões eu estava em meio a grupos que colocavam os negros como fedorentos em piadinhas, e eu nem sabia como reagir, às vezes apenas rindo de forma falsa. Obviamente nem todos tem consciência que se trata de algo racista, mas o fato de a pessoa que fala essa expressão não ter noção que é racista não muda o que a gente sente, com ou sem intenção há sempre uma pontada de incômodo com expressões racistas em quem é negro. Os negros são inferiorizados nos provérbios, nos ditados populares, nas cantigas de ninar, fazendo com que o senso comum não seja nada de diferente de mais uma máquina de produzir racismo; então, dizer que o humor não é um reproduzidor de preconceitos e estigmas é fechar os olhos para a realidade. A gente é oprimido por ter que sentir que temos que provar sempre o contrário do que esperam de nós; oprimido por não roubar nada, mas ter medo de ser parado por roubo mesmo sem suspeita alguma:

A primeira coisa que a gente percebe nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por quê? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criança etc. e tal. Daí é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho,

sabe? Se não trabalha, é malandro, e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente (GONZALÉZ, 2020, p.78).

O negro ser visto como sujo é munição para se fazer piadas que vão proliferar a falsa ideia de que o negro realmente é sujo. Então o humor difunde falsas generalizações e estigmas como uma forma de divulgar por todos os lados uma violência em forma de risos, que, na verdade, também funciona como manutenção de poder de um grupo sobre outro; é uma opressão que visa a exclusão, o não-pertencimentos de determinados lugares. Aqui se faz necessário mais uma vez trazer Erving Goffman para o texto, dessa vez utilizando sua obra *Estigma: Notas sobre a manipulação de identidade deteriorada*; o sociólogo afirma que os considerados normais (não-estigmatizados) esboçam uma teoria do estigma sobre os estigmatizados, “(...) uma ideologia para explicar sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social.” (GOFFMAN, 1975, p. 15)

Sendo assim, há um interesse maior por trás dessa intenção de inferiorizar por parte da opressão, que é justamente a manutenção da superioridade e o afastamento do diferente, ou seja, é a busca por grupos homogêneos e a repulsão pelo que não é igual por medo de ter a imagem “manchada” por quem “contrasta” a aparência grupo. Então quem prefere fazer um humor que se apoia nisso, claramente escolhe “jogar” do jeito mais fácil. O antropólogo Max Gluckman, no seu livro *Rituais de rebelião no sudeste da África*, analisa que os tais rituais de rebelião são bem mais como um aparato para a manutenção da ordem do que qualquer viés revolucionário contra o poder; então, como se a ordem social fosse um mecanismo implacável e inato, estes rituais se direcionavam mais para reforçar a coesão social do que qualquer ruptura que pudesse haver na estrutura daqueles grupos. Portanto, relacionando isso com o humor, uma pessoa que escolhe escarnecer do oprimido ao invés do opressor, da vítima ao invés do agressor, ritualiza que o poder não pode ser quebrado ou que não há vantagens em debochar de quem não sofreu historicamente, utilizando-se de estigmas e estereótipos que já estão enraizados na sociedade. É como se não precisasse de criatividade, o humorista apenas reforça o que o cotidiano já escancara de forma violenta, criando um ambiente “confortável” para que as pessoas possam rir das mazelas da sociedade sem sentir culpa e sem que ele próprio seja visto como culpado.

No humor do cotidiano o negro é associado sempre ao sofrimento ou a irresponsabilidade, principalmente pela seguinte frase, que tanto ouvi ser repetida em tom humorístico: *sou nego não pra fazer isso não*, ou então *sou nego não, besta é outro*. Então alguém pergunta, por exemplo: *Fulano, tu vai trabalhar no domingo?* ou *Ciclano, o ingresso da festa tá por 70 reais, tu vai?* E então vem a resposta: *sou nego não, besta é outro*. Ainda parecido com isso tem a colocação do “nego” como ofensa para o outro: *oxi, tu tá parecendo nego fazendo um negócio desse... Que coisa de nego é essa, ein?* São frases da barbearia para a mesa do bar, da sorveteria para a quadra de esporte, ditas na maior naturalidade possível, com a maior descontração do mundo. Há um desprezo pelo negro, que é visto como alguém ingênuo e sofredor, e isso acaba se tornando engraçado, mas eu fico me perguntando quase todo dia o porquê alguém acha isso engraçado.

Em 2022, reunido com um grupo onde a maioria das pessoas era gay ou lésbica percebi várias piadas um com o outro em relação a própria orientação sexual — podemos chamar isso de piadas internas de cada grupo — e todos aceitando numa boa, enfatizando uma certa intimidade entre eles pelo tempo de amizade também; porém, talvez, aquelas anedotas não fossem tão recebidas se fossem ditas por mim, tanto por eu ser hétero quanto por não ter uma intimidade tão grande. É interessante notar isso no humor do cotidiano, as formas como determinados grupos operam no que tange o lado humorístico. Quase todos os grupos que gosto de me reunir para conversar só gostam do humor que não humilhe os oprimidos, mas às vezes usamos da ironia, menosprezando certos grupos como os de professores e operários, para criticar a estrutura, e não realmente para apoiar esse menosprezo. Trago isso para destacar que a linguagem é muito importante para entender melhor o humor no dia a dia. Mas vale pontuar que mesmo com uma intimidade boa ou a melhor intenção há de se perceber os limites das piadas em cada grupo específico; há situações que realmente não dá para usar a ironia, situações que realmente não podem ser ditas se não com seriedade.

De tudo que pude observar no meu cotidiano, os alvos mais escarnecidos foram as pessoas com deficiência; é absurdo o quanto o capacitismo é algo normalizado. As pessoas se juntam em gargalhadas pelo motivo de uma pessoa não enxergar ou ser cadeirante, por exemplo. Uma piada bastante recorrente que ouvi tanto no meu dia a dia quanto em redes sociais foi: *Por que uma menina caiu do balanço? Porque ela não tinha braços*. E tem gente que ri disso. Chega a ser constrangedor. A falta de criatividade e a ausência de senso crítico são características principais do humor do cotidiano, muito por

conta de apenas reproduzir o que viraliza na internet. Portanto, o que prevalece são os clichês preconceituosos como comparações de mulheres gordas com objetos pesados, mas aqui, diferente de pessoas mais conhecidas na internet, a liberdade do humor é bem maior, pois não há divulgação; é apenas o cotidiano acontecendo como ele é sem nenhum registro em vídeo ou áudio.

Nesse ano de 2023, após uma partida de futebol society, eu e uns colegas ficamos conversando enquanto descansávamos; e o assunto do humor acabou entrando na conversa, e teve uma frase de um rapaz que me chamou bastante a atenção. Ele falou que não era racista, mas que gostava de piadas racistas. Um tanto quanto controverso, não? É a mesma lógica sem nexo de que piadas são só piadas e qualquer coisa que aconteça nelas não dizem respeito ao mundo social e individual do piadista, é somente um personagem temporário que nada tem a ver com o “eu verdadeiro”. Eu não consigo imaginar, por exemplo, uma pessoa verdadeiramente antirracista difundindo piadas racistas. É triste perceber pessoas se esconderem em “eu tenho um amigo negro” ou “é só uma brincadeira” para justificar que não são racistas após serem racistas. O mito da democracia racial ainda exerce uma forte influência na contínua negação do racismo brasileiro. “Assim como parece inconcebível que um médico anestesista argumente que “era só uma anestesia” se um paciente morre durante o procedimento, não se deveria aceitar que um humorista se proteja sob o escudo guarda-chuva do “é só uma piada”.” (KASCHNER, 2021, p. 90)

Crianças morrendo de fome na África, o holocausto, a escravidão, são coisas engraçadas? Aparentemente muitas pessoas acham engraçado quando o sofrimento humano é extremado no humor. Além de clichê, é um humor desnecessário, vazio de criatividade, que não agrega em nada positivamente. Na praça, durante uma noite, um colega tentou fazer uma piada relacionando cinzas de cigarro com a morte de crianças no holocausto; já outro, na mesma noite, disse que achava engraçado fazer a famosa saudação nazista; este último era adolescente ainda, hoje já deve ter 18 anos, mas é absurdo perceber como que questões sérias são tratadas com desdém.

O humor que tenta agredir ainda mais os oprimidos não merece crédito nenhum de elogios, deve apenas ser questionado, ser levado a sério e analisado como uma forma de dominação a ser combatida. O cabelo crespo recebe frequentemente várias expressões preconceituosas no cotidiano em forma de “brincadeira”, como comparações com Bombril (palha de aço) e analogias com intuito de depreciar como “esse teu cabelo nem

molha”. Na barbearia ouvi muito desses comentários, não foram direcionados para mim, mas pelo fato de eu estar presente no ambiente era como se fosse:

Há também aquela conversa de que devemos rir de nós mesmos, de nossos defeitos. Rir de si quando se é distraído ou desastrado é uma coisa, mas por que raios eu deveria rir da minha pele ou do meu cabelo, como se fosse um defeito, em vez de partes lindas que me compõem? (RIBEIRO, 2018, p. 20).

Realmente percebi que há um discurso de incorporação do humor contra si próprio como forma de superação em algumas conversas com colegas, como se a melhor forma de lidar com ofensas fosse rindo delas junto com o agressor; além de equivocada e desvinculada da realidade, esse argumento é uma grande “passada de pano” para quem ofende no humor. Podemos notar que é um discurso que tenta propor uma mudança em quem é a vítima, e não em quem agride; além de sofrer, ainda é preciso se adaptar e sorrir com a própria humilhação? Nada mais opressor do que isso. Um dos colegas chegou a falar, mais ou menos, o seguinte: *Se eu fosse gay e me chamassem de viado, eu não ia me importar, se é o que eu sou, por que iria achar ruim?* Aqui entra uma das questões de contextos e intenções; a ofensa não atinge puramente pela palavra, apesar do termo ser bastante usado como algo pejorativo, mas pela intenção de quem dirige a fala e em qual contexto os sujeitos estão inseridos. Uma mesma palavra pode provocar diversas reações quando dita de formas diferentes e em diferentes contextos. Por isso o argumento de que todos podem se dirigir a alguém como bem entender não faz sentido. A homossexualidade que tanto é humilhada e “evitada”, pois no que observei em grupos de homens héteros o discurso é como se ela fosse contagiosa ou passível de constrangimento, é tratada com inferioridade pela heterossexualidade, logo então, o humor em cima disso funciona na maior obviedade possível, sem novidades nem nada criativo:

Em homens heterossexuais que possuem crenças precárias de sua própria masculinidade o humor sexista e homofóbico atua como uma forma de autoafirmação de sua masculinidade. Eles demonstram divertimento ao realizar piadas sexistas e homofóbicas exatamente porque tais piadas atuam como um mecanismo estratégico de defesa de eventuais ameaças às suas próprias masculinidades (POMPEU; SOUZA, 2019, p. 650).

Após examinarmos essas situações cotidianas e as repetições de uma socialização, principalmente, racista via piadas e humor, é importante também destacar o que está mudando, que em grande medida é o que tentaremos demonstrar no próximo capítulo.

Capítulo 4: O humor como forma de protesto

Muito se foi falado sobre o humor como forma de dominação, mas se existe algo artístico no humor, para mim é pelo seu lado de lutar contra as opressões; é a forma de insubordinação do humor que me agrada. E foi pensando nisso e conhecendo humoristas na internet com propostas críticas contra os opressores que senti a necessidade de trazer essa faceta do humor, para demonstrar que ele também pode ser um grande aliado na conquista de novos espaços e oportunidades para os que por muito tempo não tiveram o mínimo de chance. Segundo Rothenburg (2020, p. 179) “tal como a pichação, o humor pode ser uma manifestação crítica e/ou artística subversiva, tanto em relação aos padrões morais, quanto aos jurídicos.” Se é para correr riscos com o humor é muito mais impactante e fundamental buscar rupturas estruturais ao invés de se apoiar, de forma inerte, em privilégios.

Me sinto bastante contente por perceber um humorista como João Pimenta, que traz um humor crítico e antirracista, tendo seu espaço conquistado, mostrando que o mundo humorístico não pode continuar sendo um contribuinte na perpetuação de problemas sociais como naturais. Em janeiro de 2023, o próprio João Pimenta deu uma entrevista ao programa Bem Viver, onde falou algo muito essencial:

Minha comédia incomoda, sim. Eu ataco realmente quem foi, durante muito tempo, o protagonista do sofrimento de vários povos e estava no local de privilégio, que nunca imaginou que seria atacado. E o máximo de ataque que ele sofre é uma piada, não é ser morto pela polícia, coisa que a gente vive o tempo todo.¹⁵

Muito inspirado no cartunista Henfil, que com seus desenhos se colocou contra a ditadura militar, penso que o humor deve ser, antes de tudo, subversivo; que o modo banal como, muitas vezes, ele é visto, deve ser moldado para um engajamento político potente; que questione privilégios e reivindique direitos; que a liberdade não seja regada por violência e dor. Ao menor indício de incômodo por parte dos opressores é sinal que estamos no caminho certo. Assim sendo, poder rir do inimigo que tanto nos afligiu é um ato de resistência. Ainda sobre João Pimenta, uma de suas características em seu Instagram e seus shows é o deboche diante de quem está nas posições de privilegiados ou

15 [João Pimenta: “Minha comédia incomoda | Podcast | Rádio Brasil de Fato](#)

de quem tem falas preconceituosas, então é um escárnio com o intuito de revelar o quão ridículo essas pessoas cheias de privilégios são com suas frases e ações ofensivas e excludentes, como quando ele reage a homens com discursos machistas e antifeministas, exigindo como as mulheres devem se comportar diante da sociedade — esse movimento esquisito é chamado de *Red Pill*, e João Pimenta detona sem piedade nenhuma esse grupo misógino sempre que possível com seu humor. É preciso realmente ridicularizar quem acha que é superior, essa é uma das premissas do humor como forma de protesto.

Quando na adaptação ao cinema da obra de Ariano Suassuna, *O auto da compadecida* (2000), dirigida por Guel Arraes, o personagem João Grilo diz que “é tanta qualidade que exigem para dar emprego que não conheço um patrão com condições de ser empregado”, é uma forma de usar o humor para protestar, para satirizar os opressores, para incomodar quem pensa que é intocável. Esse humor crítico incomoda porque ele ameaça o “direito de discriminar” que muitos acreditam possuir ter, ou seja, se o humor antirracista causa incômodo em algumas pessoas é porque elas querem praticar racismo como diversão.

Pensar o humor apenas em sua forma de humilhar grupos já escanteados historicamente para provocar riso, além de vil, é totalmente um limitador de possibilidades. O humor, por exemplo, nos últimos anos tem se destacado também nas redes sociais pelos memes educativos, por tentativas do uso humorístico na educação e no tratamento de temas políticos. A página @historianopaintoficial tem muita relevância nesse sentido no Instagram, de perceber o humor como um aliado na compreensão de certas coisas do cotidiano, obviamente o intuito não é a tentativa de um aprofundamento no conteúdo tratado apenas em uma imagem ou um vídeo curto, mas de poder despertar o interesse a partir dos memes. Com uma juventude tão conectada e por dentro dos memes, se um professor, por exemplo, conseguir utilizar o humor para ajudar no entendimento de certos assuntos, isso acaba se tornando uma grande estratégia para cativar um interesse maior nos alunos, pois de acordo com Corrêa (2019) o humor tem sua relevância pedagógica devido ao potencial de desestabilizar a seriedade com que a educação historicamente se constitui. Portanto isso também significa levar o humor a sério, paradoxalmente tirar a seriedade de como a educação tradicional é vista a partir elementos humorísticos é tratar o humor com seriedade, é percebê-lo como uma linguagem social que deve ser usada para o uso positivo tanto no processo educativo como em sua forma de protestar contra problemas sociais.

Outro humorista atual que tem perturbado os conservadores é Tiago Santineli, o seu humor extremo e sem filtros faz com que muita gente de direita, principalmente os cristãos, se incomode com suas falas, evidenciando até a hipocrisia neles que em um momento usam do humor para tirar sarro de minorias, mas em outro se aborrecem quando eles viram o alvo. Como foi quando o deputado federal Nikolas Ferreira esbravejou durante uma sessão na Câmara dos deputados contra Santineli, após o humorista lançar seu show no YouTube, chamado *Antipatriotas* (que é recheado de críticas ao bolsonarismo), onde há uma referência irônica justamente pelo ato transfóbico que o próprio deputado fez ao menosprezar ironicamente as mulheres trans no dia Internacional da Mulher, ao usar uma peruca e se considerar também uma mulher: Nikole. Tiago Santineli faz um humor arriscado, pois já relatou ter sofrido ameaças, mas expõe sem medo o lado ridículo de quem para ele merece todo o desprezo possível, que são pessoas extremamente preconceituosas e com discursos que sempre ofendem ou excluem minorias.

Então, perceber que há um lado de combate contra o humor conservador a partir do humor subversivo, que há um discurso de luta por espaço que vai além do riso, é extremamente favorável para a quebra da manutenção do *status quo*. O humor ser tratado como sério não é para tirar o seu lado jocoso, pois aí deixaria de ser humor, mas a sua seriedade se faz presente na importância que é dada a ele no tratamento de certos assuntos. Ou seja, para exemplificar de forma mais clara, o humor antirracista de João Pimenta é sério porque o racismo é sério. Há de se pontuar que é sempre um desafio ser a minoria em qualquer que seja o ambiente; enquanto o branco não precisa pensar sua posição social, o negro passa a vida toda assim e ainda tem que combater o outro lado que não para de gerar agressões psicológicas, enfrentando olhares indiferentes e se sentindo um estrangeiro, pois percebe que está distante de uma representatividade de sua própria raça. “Toda pessoa negra consciente de que foi “o único” em um ambiente predominantemente branco sabe que tal posição é em geral convidativa para ouvir narrativas racistas, rir de piadas sem graça, ser submetido a várias formas de assédio racista.” (HOOKS, 2019, p. 47)

Por isso o humor como forma de protesto é tão importante, pois ele tenta, não só destituir a dominação opressora, mas também marcar um território de representatividade para que os oprimidos tenham condições melhores para poderem fazer e sentirem livres com seu humor que não compactua com a estrutura que favorece os privilegiados. O

racismo que Mussum sofreu em sua época é o mesmo que Yuri Marçal, outro humorista negro da nova geração que já relatou ter sofrido ataques racistas, sente, entretanto o humor não é mais o mesmo, a percepção do humor é diferente, a reação de quem sofre racismo hoje em dia é muito mais imediata do que 30 anos atrás, e isso se deve a construção de um espaço onde os negros têm sua voz, mesmo com toda desigualdade racial ainda existente. Podemos citar o caso de 2022 do próprio Yuri Marçal, junto com João Pimenta, quando foram barrados em um evento do TikTok, mesmo sendo uma das atrações e estando com a pulseira de entrada, e só depois de vários minutos, quando perceberam que estava faltando alguém para apresentar é que o pessoal do evento foi atrás de João Pimenta com pedido de desculpas e falando que ele poderia começar sua apresentação, mesmo “atrasado”. O pedido de desculpa não tira o constrangimento, não apaga a sensação de se sentir arrasado. Contudo, como tinha falado anteriormente a reação é mais imediata e o apoio dos seguidores e amigos é maior por conta das redes sociais. Mas devemos notar sempre que mesmo os negros que estão em ascensão, eles ainda assim são barrados, ignorados, excluídos, tratados com insensibilidade, ofendidos, e tudo isso demonstra como que a questão racial tem de ser debatida constantemente, e o humor crítico deve ser um aliado nessa luta.

4.1 — O humor e a falsa equivalência

Durante muito tempo eu me questionei se fazia sentido criticar o humor como forma de dominação e apoiar o humor como forma de protesto, ou se o mais plausível era criticar os dois da mesma maneira. Porém quando eu comecei a pensar que há uma estrutura preconceituosa que evita qualquer tipo de reação, percebi que esse meu questionamento inicial não era uma preocupação com a coerência, mas sim, um pensamento da classe opressora que permeia o inconsciente com o objetivo de nos manter passivos diante das opressões. Somos levados a ter que sorrir com ofensas, a ser cordiais com cenários violentos e se manter neutros diante de situações de injustiças, como se a reação não fosse algo necessário ou como se não houvessem vantagens em reagir. Porém não reagir significa aceitar a situação vigente:

Em sua zona, o opressor faz existir o movimento, movimento de dominação, de exploração, de pilhagem. Na outra zona, a coisa colonizada, oprimida, pilhada, alimenta como pode esse movimento, que vai sem transição das margens do território aos palácios e às docas da “metrópole” (FANON, 2022, p. 47).

Foi lendo os autores negros que se debruçaram a tratar sobre o racismo que percebi não só a necessidade do protesto, da reação do povo preto, como também a afirmação de que qualquer tema que envolva o racismo é relevante, principalmente se apoiando na questão histórica, na ideia de que o mundo não começou a partir do século XXI, de que para entender as relações sociais é preciso analisar as raízes criadas por um passado violento e excludente. Por isso que o humor como forma de protesto não só deve existir, como deve ganhar ainda mais relevância para combater o humor opressivo e os preconceitos que tanto permeiam as relações sociais.

A ideia do racismo reverso para justificar que os negros estão ofendendo os brancos no humor não faz o menor sentido, é uma falsa equivalência, aqui se faz necessário trazer uma citação de Oracy Nogueira para exemplificar o que caracteriza realmente o racismo, já quebrando a lógica do racismo reverso:

Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece (NOGUEIRA, 2006, p. 292).

Mesmo que fizéssemos um projeto gigantesco para fazer com que os brancos sofressem com piadas, ainda assim não seria efetivo; já o lado inverso, os brancos nem precisam fazer esforço para que a gente sofra com suas piadas, pois a questão principal do sofrimento não está no que é dito nas piadas, mas sim no que elas reproduzem, ou seja, no próprio cotidiano racista. Se, nós pretos, estivéssemos em uma posição de não sofrer com violências simbólicas nem medos e receios psicológicos frequentemente, não teria motivo para problematizar com tanto afincado o humor. Se as mulheres, se os homossexuais, se as pessoas com deficiência não fossem cotidianamente oprimidos até poderíamos *pensar* que uma piada é só uma piada, mas não é essa a realidade. Sendo assim, fazer um humor debochando e inferiorizando as mulheres não é o mesmo peso de debochar dos homens. Enquanto o humor perverso funciona apenas como destilador de ofensas e insensibilidades, o humor subversivo tem a capacidade de juntar pessoas oprimidas em prol de uma resistência social, muito além de buscar apenas as risadas, pois aqui há uma

preocupação não com as piadas em si, mas com a realidade vivida que tanto provoca traumas ao serem debochadas em forma de humor.

Portanto, o questionamento aqui não é sobre qual piada é melhor ou a mais ofensiva, mas, sim, que as recepções das piadas são diferentes entre oprimidos e opressores por conta de traumas e violências antepassadas que deixam marcas até hoje; é por isso que nunca é “apenas uma piada”, há significados internalizados que machucam verdadeiramente. O humor que agride o opressor não transborda uma gota sequer para um mundo social, mas o humor que agride o oprimido funciona com todos os mecanismos de violência do cotidiano, por isso não dá para comparar essas duas questões, não são pesos equivalentes, então se há sentido no bordão de que “é apenas uma piada” é só se for em relação aos opressores, pois ofendê-los no humor não passa de uma piada, não se configura como uma violência no dia a dia, como acontece inversamente.

Acompanhando uma série de comédia que retrata questões sociais, um trecho logo no primeiro capítulo me fez voltar a cena umas três vezes, e após refletir eu logo anotei, pois achei bastante interessante; veio bem a calhar no momento em que eu pensava ideias para esta monografia e o trecho foi de encontro ao que eu já estava pensando sobre o tema: *“Minhas piadas não prendem seus jovens em níveis alarmantes, nem tornam perigoso você andar no próprio bairro, mas as de vocês, sim. Quando zombam ou nos menosprezam, vocês reforçam um sistema existente.”*¹⁶

As zombarias do opressor são como um alarme que é ativado, provocando lembranças doloridas de questões sociais em quem não é privilegiado; por isso que o humor como forma de protesto é um grito coletivo, um grito de desabafo e de revolta contra aqueles que buscam cotidianamente a perpetuação da opressão. Uma matéria muito boa na revista Gama¹⁷ sobre a representatividade de minorias no humor, onde vários humoristas, entre eles João Pimenta, falam sobre o tipo de humor que ataca o opressor. E uma parte dessa matéria que quero destacar é a da fala da comediantes Bruna Braga que diz que *“tirar sarro de quem sempre ocupou os espaços de poder me deixa aliviada.”*

O humor como forma de protesto carrega consigo não apenas a crítica fervorosa ao inimigo, mas também a busca pela liberdade de outros pertencentes a grupos

16 Trecho retirado do primeiro episódio, da primeira temporada, da série *Cara gente branca* (2017 - 2021), disponível na Netflix.

17 [A representatividade no humor e a piada com o opressor — Gama Revista \(uol.com.br\)](https://www.gamarevista.com.br/representatividade-no-humor-e-a-piada-com-o-opressor)

oprimidos. Ocupar o espaço no humor com críticas sociais é uma maneira de rebater a estrutura discriminatória e de gerar possibilidades para que uma representatividade seja alavancada. Perceber que um cenário inclusivo e crítico está sendo construído provoca uma certa esperança em quem tem interesse de contribuir positivamente nas questões sociais a partir do humor.

Considerações finais

As análises feitas durante o percurso do trabalho sinalizam claramente que há dois tipos de humor principais no século XXI, o que compactua com a violência do opressor e o que tenta combater essa violência; o primeiro já vem na toada do que é tido como o tradicional, é o mais fácil, o mais superficial e o mais difundido, podemos exemplificar isso pelas minhas observações do cotidiano, que apenas esse humor contra minorias que aparecia; já o segundo, vem com uma preocupação social, de subversão e com interesse de conquistar espaços que por muito tempo foram ocupados somente pelos opressores.

Um ponto interessante a ser salientado é o privilégio de alguns humoristas ao usarem e abusarem da sua liberdade para ofender as minorias nas piadas. Apesar de serem criticados, após um curto espaço de tempo, voltaram a praticar as humilhações em forma de humor, mesmo com argumentos de que esse humor machuca e não agrega em nada socialmente. Um comportamento que sinaliza seu real desinteresse por levar as críticas a sério.

O humor é um tema elástico, difícil de se contornar, mas é preciso reforçá-lo como uma linguagem social e como elemento de socialização, de algo que está em mudança, então, talvez, estejamos em um momento de transição, de semeadura da crítica antirracista que terá resultados melhores nos próximos anos, pois o momento atual parece ainda estar acostumado com o humor tradicional de escarnecer de minorias. Entretanto é inegável a abertura que o humor subversivo tem tido para ascender e como ele tem sido aderido realmente em resposta ao humor como forma de dominação.

Com todos os apontamentos, podemos relacionar, sem receio nenhum, o humor como uma parte indissociável, não só do cotidiano, mas também das redes sociais, de como a internet é um ambiente fácil e rápido de divulgação para o humor se estruturar; com isso faz-se necessário que um engajamento maior de humoristas críticos, principalmente, no mundo virtual, que possam produzir e compartilhar conteúdos humorísticos para fortalecer a luta contra os opressores. A internet é o ambiente mais livre para se consumir conteúdos, independentemente da idade, então a seriedade do humor é fundamental, além de tudo, porque deve atingir crianças, adolescentes e adultos; que o bullying tão comum nas escolas desde a infância seja visto como um problema desde as “piadinhas” que excluem e machucam o outro.

O cotidiano já é cruel demais para até no humor termos que nos contentar em ser motivo de chacota, sem nem sequer se colocar como combatente a isso; temos que lutar pelo direito de rir sem ter que compactuar com a violência que, mesmo em forma de humor, busca a minha exclusão. Se o humor é racista, não existe ‘*porém*’ nem ‘*mas*’, ele é racista e ponto. Não há justificativas plausíveis para querer ofender quem está reclamando o tempo inteiro, há décadas e décadas, que está sendo violentado física e simbolicamente. Por isso não tenho o mínimo de respeito pelo humor opressivo, tenho é nojo, e assim levo comigo a frase de Henfil, presente na epígrafe deste trabalho: o verdadeiro humor dá um soco no fígado de quem oprime.

Referências bibliográficas

- BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre o significado do cômico**. Tradução e notas de Maria Adriana Camargo Cappello. São Paulo: Edipro, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.
- . **A dominação masculina**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022.
- .; PASSERON, J. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.
- CORRÊA, Guilherme Torres. **A potência crítico-criativa do humor e do riso na educação**. *Geminal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 11, n. 2, p91-106, abr. 2019.
- EAGLETON, Terry. **Humor: o papel fundamental do riso na cultura**. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- ELIAS, Norbert; e SCOTSON, John. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução Lígia Fonseca Ferreira e Reginaldo Salgado Campos. 1º ed. — Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- FIGUEIREDO, Celso. **Porque rimos: um estudo do funcionamento do humor na publicidade**. *Comunicação & Sociedade*, Ano 33, n. 57, p. 171-198, jan./jun. 2012.
- GLUCKMAN, Max. **Rituais de rebelião no sudeste da África**. Tradução de Ítalo Moriconi Junior. Ed. Universidade de Brasília, 1974.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Tradução Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.
- . **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Tradução Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- GONZALÉZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. (Org.) Flavia Rios, Marcia Lima. 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Tradução de João Paulo Monteiro, Maria Beatriz Nizza da Silva e Cláudia Berliner, 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HOOBS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

JERÓNIMO, Nuno Amaral. **Humor na sociedade contemporânea**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2015.

KASCHNER, Pablo Cermeño Mendonça. **Quando o riso vira risco**. Dissertação (Mestrado em Memória Social) — Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

NIZET, Jean; RIGAUX, Natalie. **A sociologia de Erving Goffman**. Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. — (Coleção Sociologia: Pontos de Referência).

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1, pp. 287-308.

NUNES, Charô. 2013. **Blackface? Yes we can!**. Disponível em: <https://blogueirasnegras.org/blackface-yes-we-can/>.

O AUTO da Compadecida. Direção: Guel Arraes. Roteirista: Adriana Falcão, Guel Arraes e João Falcão. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2000.

OLIVEIRA, Alana. C. H; SILVA, Kennedy. F. A. **O blackface no carnaval brasileiro e legitimação do racismo recreativo**. DAS AMAZÔNIAS, Rio Branco – Acre, v.3, n.1, (jan-jul) 2020, p. 04-15.

POMPEU, Samira Loreto Eldiberto; SOUZA, Eloisio Moulin de. **A discriminação homofóbica por meio do humor: Naturalização e manutenção da heteronormatividade no contexto organizacional**. Revista Organizações & Sociedade - v. 26, n. 91, p. 645-664, out./dez. 2019.

POSSENTI, Sírio. **Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso**. 1.ed. – São Paulo: Parábola, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROTHENBURG, Walter Claudius. **O humor e seus limites jurídicos**. Faces da história Assis/SP, v.7, nº2, p.176-194, jul/dez, 2020.

SILVA, Rodrigo Almeida Da. **Tá rindo do que?: riso e racismo no humor televisivo brasileiro no século XXI**. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2015.

VERRONE, Alessandro Bender. **Uma abordagem cognitiva do riso**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) — Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

WOODSON, Carter G. **A Deseducação do Negro**. São Paulo: Edipro, 2021.